



BLUE BLUES

LARISSA PRADO



BLUE BLUES

Larissa Prado

© Larissa Prado, 2019.

Blue Blues.

Revisão | Larissa Prado

Capa | Lucas Matheus

Essa é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

Blue-blues | Larissa Prado - Goiânia, 2019.

I. Contos II. Literatura de horror III.

Insólito. IV. Blues V. Experimental VI. Ebook

[2019]

Todos os direitos reservados.

"Larissa Prado decidiu sair da sua zona de conforto, o terror e suspense, e embarcou no experimental. Incrível como conseguiu se sair bem em ambos. Juntou histórias reflexivas e marcantes com uma pitada de surrealismo e se afundou na arte. Narra de uma forma impecável, em uma escrita elegante e encantadora. Leitura única e perfeita para uma noite emendada a uma dose nostálgica de blues. Garanto que será uma experiência de imersão sem igual. (João Augusto - @revistaaterrorizante)

Se a tristeza tivesse
uma cor seria azul...

Tudo indica que o termo "Blues" deriva de "blue devils", uma expressão que na velha Europa havia sido utilizada com o sentido de depressão, melancolia patológica. O blues é um gênero que, em sua fase germinal, vocalizou sobretudo as dores, angústias e tragédias individuais e sociais dos negros submetidos à escravidão e à discriminação no Novo Mundo.
(Richard Williams in "Kind of Blue")

Essa história nasceu ao som das melodias a seguir. Para uma melhor imersão na trama disponibilizo a playlist.

Boa viagem!

<https://open.spotify.com/playlist/0LyjuoLOGbODnJyCkE6Ix4>

Playlist

The Animals - The House of the Rising Sun

Ella Fitzgerald - Bewitched, Bothered and Bewildered

Billie Holiday - I'm A Fool To Want You

Ella Fitzgerald - Summertime

B.B. King - Chains n things

Stevie Ray Vaughan - The Sky is Crying

B.B. King - I'll survive

Charles Brown - Black night

Ella Fitzgerald - Cry me a river

Leadbelly - Where did you sleep last night?

Chet Baker - Born to be blue

Jimmy Reed - Big boss man

Big Joe Williams - Baby please don't go

Miles Davis - Milestones

Nina Simone - Backlash blues

Jay McShann - Please, stop playing these blues

Skip James - Devil got my woman

De volta para casa

"There is a house in New Orleans
they call the Rising Sun
and it's been the ruin
of many a poor boy
and God I know I'm one"

As paredes descascadas marcam a atuação do tempo que degrada. A madeira não resiste às ações da chuva; vai se deteriorando devagar, os anos impressos mostram que o tempo é implacável e talvez as lembranças também sejam feitas de madeira apodrecidas ou tijolos esfarelados.

Depois que voltei para essa casa compreendi que nunca a deixei de fato. As vigas e a infraestrutura da construção são como os ossos do meu corpo, demoram a sentir a ação do tempo que sempre me remete a ação da própria decomposição lenta inerente a toda matéria orgânica.

Nessa casa que não passa de poeira e vento, eu vivi boa parte da minha vida. A parte que nos acompanha até o túmulo, quando nossa natureza cria raízes fundas. A infância e a adolescência se mesclam formando aquilo que nos tornaremos quando adultos envolvidos por crostas sólidas. Eu fui uma criança solitária e fundida a essa criança encontrei o adolescente frustrado e arredio, me tornei um adulto parasitário de mim mesmo, sugando as minhas próprias energias em atitudes autodestrutivas.

Dizem que a vida é um eterno recomeço, discordo. A vida para mim se parece muito com o que restou da minha antiga casa, apenas escombros jogados e varridos pela ação do tempo.

Fragmentos ornamentais que foram muito importantes um dia, mas não são mais.

Depois que o táxi me deixou aqui, permaneci um bom tempo parado à entrada da casa apenas ouvindo o que ela poderia dizer, o silêncio é outra forma de manifestação da passagem do tempo porque toda voz em algum momento se cala. Os fantasmas finalmente descansam e não ser assombrado pelo passado é uma espécie de morte. Todos nós precisamos de um assombro, isso é melhor que o nada que se instala. Não saber qual a sua história torna tudo tão estático e irrelevante.

Eu não sei até que ponto a minha história e a desse lugar se misturam. Não parece que se passaram 20 anos, eu ainda posso escutar o som do balanço de pneu na árvore feito pelo último namorado de Linda. Ela foi minha referência materna e era apenas a irmã da minha suposta mãe. Linda me criou com muita dificuldade junto aos seus cinco filhos reais e devo a ela a minha devoção por música.

Nos fins de semana escutávamos Miles Davis no rádio da sala antes do jantar ou enquanto comíamos. O som trazia uma espécie de cortina que cobria nossos sentimentos e nos levava embora do próprio corpo sem poder de reação. Ficávamos jogados no sofá apenas escutando. Naquela época não haviam distrações além do rádio, e a magia da música parecia ser mais forte.

Ganhei o meu primeiro trompete do Will Jones, ele foi o penúltimo namorado de Linda, ela tinha vários. Eu gostava do Will porque ele tinha um jeito malandro de sorriso fácil, gostava da música melancólica de Davis, era blues que chamavam, mas eu não sabia ainda diferenciar gêneros o que garantia maior diversão. Will tinha um amigo que tinha outros amigos que faziam um som, comecei aprender trompete com eles e daí por diante cai na vida noturna. Eu era muito jovem quando dei o primeiro trago, 12 anos e bebia destilados no estilo cowboy, sem água e sem gelo. A garganta pegava fogo,

mas era bom sentir aquela ardência em noites de inverno quando o calor do corpo era insuficiente.

Naquele tempo, a casa da rua 63 conservava as paredes novas e bem pintadas, algo que Linda tinha mania de fazer era pintar as paredes para que não envelhecessem. Tinha verdadeiro pavor de tudo o que era velho. Nos dias de pintura Will Jones, eu e meus irmãos passávamos o dia inteiro escutando rádio enquanto fazíamos o serviço, Linda servia refrescos de melancia porque os dias eram quentes. O sol parecia mais forte naqueles anos o que me faz pensar que ele também anda envelhecendo.

A mobília está do jeito que deixamos depois que Linda morreu. Eu não sei o que foi feito dos meus irmãos/primos porque cada um foi para um lado como numa revoada de pássaros quando um predador aproxima. Ninguém fez questão de manter contato, eu acabei me esquecendo de um por um. Os meus únicos pertences são a mala com as minhas poucas mudas de roupas e o estojo do trompete. A decisão de voltar a morar nessa casa surgiu em uma madrugada do último mês quando o álcool não conseguia mais amortecer os sentidos.

Depois de tanto tempo na companhia do scotch e cerveja baratos, o entorpecimento se torna comum. Não sabemos quando estamos sóbrios ou chapados. O organismo, acho, acaba entendendo que a embriaguez é seu estado natural. Eu estava com o pianista Li, que andava me acompanhando nos shows, e nós virávamos umas doses no balcão do Yet como toda noite. A apresentação tinha sido boa apesar dos frequentadores não repararem no nosso som, com o tempo assim como a bebida nosso som parou de embriagar porque foi absorvido pela rotina do bar.

Li tinha um bigode fino e a pele amarela marcando suas descendências orientais, ele era um músico e tanto, mas como homem não passava muito de uma doninha. Tagarelava sobre suas viagens pela Europa e as mulheres que tinha conquistado

por lá. Metade daquilo era fantasia, mas pelo menos Li tinha criatividade.

O melhor da companhia de Li era que eu não precisava falar, apenas ouvir. Essa é a vantagem dos tagarelas, você não precisa se esforçar para manter o papo, eles falam sozinhos. E então, quando Li estava no meio de uma anedota sobre uma russa de dezoito anos viciada em coisas sádicas, eu me lembrei de Linda. A associação não pareceu ter fundamento a princípio, mas então comecei a pensar no meu passado por causa das fantasias de Li.

Eu estava do seu lado naquele balcão, na noite seguinte estaríamos fazendo o mesmo e provavelmente ele estaria contando as mesmas histórias sob outras perspectivas. A minha vida inteira tinha sido arrastada pelo álcool e blues e relações esquisitas em bastidores e balcões de bares. Aos 43 anos não tinha o que contar da minha história nem mesmo se arriscasse inventar como Li.

Foi um desses momentos que tomamos consciência que estamos no mundo há muito tempo e não percebíamos. Linda me dizia para estudar e ser alguém na vida, um homem que constrói casas era o que ela dizia, como um engenheiro. Linda era fascinada por construções de casas e achava as pessoas que faziam isso abençoadas.

"Dedique sua vida para construir casas para as pessoas, Ícaro. Uma casa é tudo na vida."

Ela me dizia com seu jeito direto e simples. Eu não queria construir casas, não me importava muito com isso até a fase da vida que passei a acordar nas praças depois das bebedeiras e me arrastar pelos becos sem conseguir me manter sóbrio. Eu abandonei a nossa casa e comecei a viver sob o teto do mundo, ao relento, pegando chuva e frio. Aí, naquela fase, dei valor por ter um lugar para onde voltar. Linda me recebeu de braços abertos, mas ela estava doente quando

resolvi ficar em casa, logo iria morrer, mas a casa permaneceu de pé.

Então, depois daquela madrugada em que senti o peso do fracasso, resolvi voltar para a casa da rua 63. Sabia que estava vazia porque eu fazia aquele trajeto com frequência do meu quarto alugado até o Yet para tocar durante as noites. As portas não trancam mais e pouca coisa funciona na casa, mas ainda assim é uma casa e basta alguns dias para eu fazê-la voltar a funcionar e me abrigar de novo.

Fim de expediente

"I'm wild again, beguiled again
A simpering, whimpering child again
Bewitched, bothered and bewildered - am I"

As baratas ainda correm pelo chão da cozinha ao final do expediente, não importa quantas vezes a empresa dedetizadora venha no bar. Tenho a impressão que para cada barata morta surge duas novinhas em folha prontas para a arruaça. É uma praga e toda praga é resistente. Persigo e piso nas que consigo, me causa má impressão esses bichos grotescos perambulando pelo chão e paredes. A sorte é que durante o dia elas ficam escondidas nos seus buracos, temendo o contato humano.

Depois de fechar o caixa e pendurar o avental atrás da porta dos funcionários eu fico pensando na minha proximidade com esses insetos. Resistentes, persistentes, temerosas, inquebrantáveis. É inevitável não sentir uma onda de calor por elas, bravas guerreiras da imundície indiferentes à limpeza e ordem. Dou de ombros e deixo o Yet vazio, descanso apenas umas 6 horas por noite até estar de pé abrindo as portas de novo.

O trabalho de garçonne começou cedo para mim, eu tinha apenas 16 anos e precisava sair da casa dos meus pais, porque papai era o tipo de homem irascível e intolerante. Eu dei o fora e fui dividir um apartamentozinho com a Dani, ela logo seguiu a carreira de modelo e me deixou para trás depois de ir viver com um magnata do meio. Fiquei sozinha e acabei

criando raízes no Yet, o senhor Sandro me acolheu como um pai e sabe como é, a gente acaba ficando.

Depois da morte do Sandro seus filhos repartiram os bens e a filha mais velha Pam cuida do lugar. Ela é uma boa mulher, mas acabou deixando os negócios do Yet nas mãos do marido, não tenho do que reclamar dos meus novos patrões, continuam me tratando muito bem. Mas infelizmente eles não ligam para a invasão das baratas, é algo que parece incomodar apenas a mim. Talvez porque eu sinta essa proximidade com os insetos.

Não levo nem dez minutos para chegar em casa porque meu apartamentozinho fica na quadra acima do Yet. Quando entro os meus bebês correm e miam envolvendo meus tornozelos. Leo, Miche, Dona e Rafael, os quatro gatos de rua que peguei para criar há alguns anos estão famintos. Eu encho as tigelas de leite e eles se fartam, acendo apenas a luz da sala e me jogo no sofá, cansada demais para tomar banho, sem energia para trocar de roupa, fico com o uniforme por um tempo apenas girando o isqueiro na mão. Esqueci de comprar cigarros, e quem fuma sabe como isso é irritante, acentua a necessidade de nicotina no sangue.

Fico assim acendendo e apagando a chama do isqueiro enquanto escuto ecoar do apartamento vizinho a voz de Holiday baixinha e melancólica. Não sei quem mora ao lado, mas nós compartilhamos o mesmo gosto musical e colocamos Holiday quase todas as noites antes de dormir. É a vez do vizinho embalar a noite, fico ouvindo a melodia e me sentindo cada vez mais afundada no sofá como se fosse uma almofada velha.

Leo e Miche saltam sobre meu colo, eles são os mais carentes, dois gatos novos e escaldados. Leo não tem a ponta do rabo, quando o encontrei estava todo detonado no beco que separa meu prédio do outro. Afago os pelos macios enquanto eles ronronam suas próprias melodias.

É assim toda noite, é esse tipo de paz onde nada acontece e a voz de Billie me transporta para outro tempo e espaço longe do meu apartamento pequeno e maltratado. Gosto da noite mesmo que esteja sempre cansada, é o único momento do dia que sinto que a felicidade é um estado de espírito possível, quase palpável. Dona se enrola em meus pés e Rafa pula no parapeito da janela e fica ali delineado pela luz da lua em sua silhueta felina e sensual.

A vida é boa apesar de tudo ela consegue oferecer noites como essas, simples e frescas onde não se espera nada grandioso do universo, apenas a existência por si só já é benfazeja.

A contemplação é interrompida pelo trinado do telefone. Eu quase salto do sofá, mas fico quieta encarando o aparelho do lado do sofá sem compreender porque ainda mantenho um telefone em casa se ninguém me liga além de cobradores e minha mãe no dia do meu aniversário. Estico o braço e coloco o fone no ouvido, do outro da linha existe uma respiração que se limita apenas em respirar, não fala nada, fica muda. Eu não digo nada, estou respirando também como se isso fosse um tipo de diálogo secreto.

Por fim eu digo.

“Quem é? Eu sei que tá aí, posso te ouvir respirando”

Não tenho o que fazer durante as noites, então, um trote pode ser divertido por isso continuo dando corda, conversando sozinha com essa pessoa que me ligou provavelmente por estar se sentindo tão sozinha quanto eu.

“Quem é? Quem é? O que você está fazendo? Por que não desenvolvemos um papo? Quem sabe poderíamos tomar uns drinques.”

Continuo tentando, a respiração dá uma pausa e suspira a voz de Holiday parece atravessar a linha do telefone e quase acredito que é meu vizinho quem está me ligando, mas ele não tem meu número. Não sei quem é, nunca nos vimos.

Fico em silêncio, não vou desligar, não vai ser eu quem vai entregar os pontos. A respiração continua e eu começo a sentir um frio subindo pela espinha e fazendo meu couro cabeludo arrepiar. Estou prestes a chorar sem saber o motivo do brotar dessa angústia repentina.

Estou quase tirando o fone do ouvido e desligando. Então, escuto a voz do outro lado como um chiado triste.

"Bessie..."

A voz diz meu nome e se voz tivesse cor aquela seria azul como a superfície do oceano pacífico. Eu fico muda porque não esperava ouvir meu nome numa voz que não tem som nenhum.

Eu sei que é ele, não estou supondo, apenas sei. Ele me achou, ele estava me procurando há cinco anos desde aquela madrugada, desde o dia que eu consegui fugir dele. Então, me encontrou jogada no sofá da sala cercada por gatos de rua e pensando em baratas e na vida que não consegui ter ao vir morar com a bonita Dani.

"Bessie..."

Ele chama de novo, mas não tenho certeza se a voz é a mesma porque na madrugada que ele me seguiu sua voz não saiu da boca. Ele usava uma máscara de meia-calça que deformava seu rosto como uma pintura derretida. Ele cobriu minha boca no beco que fica ao lado do meu prédio e ficou assim, cobrindo a boca e empurrando meu corpo contra a parede. Não queria nada, só me machucar. As pessoas às vezes só precisam fazer coisas sem justificativa, pela adrenalina da incoerência.

E depois de algum tempo ele falou que queria minha bolsa e tudo mais que eu tivesse. Quase perguntei se podia ser minha alma porque era a única coisa que ainda tinha de boa em mim, mas ele ficou me apertando e me esfregando contra a parede e eu comecei a tremer sentindo frio na espinha.

Naquela madrugada, não havia Holiday ecoando do apartamento vizinho porque ele ainda estava vago. Eu podia

ouvir os miados dos gatos acima de nós, na janela do meu apartamento, mas eles não podiam fazer nada. Ninguém podia além do estranho que me apertava no beco querendo tudo o que eu tivesse de valor. Eu dei a bolsa, os brincos, eu perguntei se ele podia me deixar ir embora com a polidez de uma dama tentando agradar seu acompanhante, mas ele me surpreendeu com um soco no nariz que fez explodir meu rosto em dores multicoloridas. E continuou batendo, assim sem qualquer voz. Apenas batendo porque ele precisava fazer isso naquela madrugada. Porque ele estava muito irritado e precisava descontar em alguém.

E eu era a pessoa passando no momento errado, atravessando o caminho de uma irritação crescente. A força da raiva dele afundou o meu olho esquerdo, ele só parou quando eu escorreguei pela parede feito uma mosca estapeada. Fiquei encolhida no chão segurando a cabeça porque ela parecia querer despencar do pescoço. Não tinha a noção de que meu olho estava amassado, a dor não fazia sentido porque ela era algo frio e distante. Aquele rosto não parecia ser o meu.

O estranho pegou a minha bolsa e sacudiu, as contas recém pagas voaram, o espelho de mão e o batom marrom voaram junto com moedas e minha carteira, um bilhete do Ícaro que tocava no Yet com seu número novo entre outras coisas como papéis de balas, brincos de pérolas, cartões telefônicos. As miudezas da minha vida insignificante que para aquele homem pareciam tão importantes naquele momento.

Escutei os passos dele correndo e se afastando de mim. Mal tinha percebido que passava um grupo de jovens por ali que o fez se assustar. Os garotos me ajudaram a ficar de pé e chamaram ambulância e os policiais. Eram garotos que frequentavam o Yet e me conheciam, eles ficaram ressentidos e cheios de mágoa por me ver daquela forma. Diziam que eu não merecia, mas não tinha tanta certeza quanto eles.

Eu estava no caminho da irritação de alguém e acabei me ferrando. Depois daquela madrugada, escuto os passos do estranho toda noite ao vir para casa, quase posso vê-lo espreitando no beco ao lado do prédio pronto para uma próxima surra, quem sabe arrancar meu outro olho. No lugar do esquerdo repousa uma prótese de vidro, escolhi a cor azul para a íris porque sempre achei lindos olhos azuis.

A pessoa do outro lado desligou o telefone, e eu acabei colocando o fone no gancho com a certeza de que era o estranho. Ele sussurrou meu nome, ele está atrás de mim desde aquela madrugada que não consegui levar nada. Eu não tinha nada de valioso para oferecer além do meu rosto para as pancadas. Isso aconteceu há cinco anos, ainda tinha esperança de conseguir campanhas e seguir o destino de uma estrela da moda como Dani tinha feito, mas eu sou apenas Bessie a garçonete que trabalha há anos no Yet, a mulher do olho de vidro que sobreviveu a um assalto.

Eu retiro a prótese e fico observando a falsidade da íris vítrea, sua falta de vida, a falta de humanidade e penso em mim mesma como metade mecânica e metade orgânica. Os gatos dormem fácil com a pacatez na qual minha casa vive mergulhada. Eu mesma me acomodo no sofá ainda usando o uniforme, sem banho e sem o olho de vidro que coloco ao lado do telefone se ele voltar a me ligar quem sabe meu olho atenda e tenha voz suficiente para expulsá-lo da minha vida de uma vez por todas.

"I'm a fool to want you to want a love that can't be true
A love that's there for others too"

Billie Holiday está embalando o meu sono, me levando embora nas notas da sua voz entristecida. Penso em mim aos 16 anos e no rosto que trazia, nos olhos perfeitos e nos sonhos de uma vida de glamour e conquistas. Penso no passado

no qual projetei e nunca pude viver. É difícil quando a madrugada chega e ficamos sozinhos com os restos do que realmente somos. Sem fantasias, sem ilusões, naufragando na superfície azul da melancolia.

Sons e movimentos

“Summertime and the livin' is easy
fish are jumpin' and the cotton is fine
Oh your Daddy's rich and your ma is good lookin'
So hush little baby, don't you cry.”

Os raios do fim de tarde atravessam os galhos das árvores e incidem sobre o capô cor creme de um Sutebaker Starlight '50, não entendo quase nada de carros, mas Yan fala disso o tempo inteiro. Às vezes desligo o dispositivo que me permite ouvir o mundo para poder descansar da sua falação sobre automóveis velozes. Ele diz.

“Já não fazem mais carros como antigamente”.

E eu concordo porque não tenho o que acrescentar a essa verdade. Não se faz muitas coisas como antigamente, eu acho, mesmo que não tenha vivido muito tempo tenho a impressão que a vida hoje é pior do que no tempo da minha avó.

Yan está fumando um cigarro tomando todo cuidado para não sujar o banco do seu carro novo. O tio dele tem uma oficina e coleciona essas banheiras antiquadas, então, Yan fica dando voltas e voltas com os carros que o tio restaura como se fossem dele. Ele quase acredita que são mesmo porque volta e meia está lustrando a cera e chamando-os de “baby”. Ele tem verdadeira obsessão por carros antigos, por tudo que existiu nos anos 40. Seu topete é alto e vive cheio de pomada cheirosa. Eu gosto muito do Yan quando ele não está falando sobre carros de um jeito sombrio.

“Eu faço 180 km/h fácil, fácil com essa belezinha”.

Ele costuma dizer e tenho medo quando estou no banco do passageiro, apertando o banco e tentando disfarçar o pavor da estrada.

Assim que o horário das aulas terminou, andei até o local marcado atrás do pátio da escola para ver Yan e seu novo carro. Ele parece empolgado como sempre e me fala sobre o programa da noite. Iremos ao Yet ouvir um bom som e tomar drinks. Eu insisto que não bebo, em gestos que ele se acostumou a decifrar porque nunca foi bom na linguagem de sinais, mas Yan diz que vou beber pelo menos meia dose de um bom uísque porque preciso aprender a viver.

Nós temos 17 anos, mas ele sempre pareceu mais velho porque sabe viver. Yan não tem medo de nada e é isso que chama minha atenção. Ele é tudo o que eu gostaria de ser, mas tenho medo. Porque minha mãe fala do meu problema, essa falta de percepção sonora. A surdez me lançou a um mundo completamente alheio desse mundo normal no qual Yan corre na autoestrada e lança olhares para as pernas das moças ao redor. A surdez me dissipou como uma névoa, quando não estou com os dispositivos ligados o silêncio recai sobre mim como um manto, e eu o amo.

Mas existe a música e ela cura tudo. Música e silêncio, os melhores antídotos para a tristeza. Peço para ele aumentar o volume do rádio do carro, Yan balança a cabeça ao ritmo do saxofone, não sei dizer quem é o músico, mas o som me faz fechar os olhos mesmo que não escute com toda a potência auditiva. Posso viajar nas ondas sonoras que saem do rádio.

Então, a estática interrompe, o chiado me atinge bem no plano de fundo da cabeça. Assustada, abro os olhos e tiro o meu dispositivo da orelha. Fico olhando para ele por um tempo, tentando entender o motivo de viver fora do ar, a recusa em me transmitir os sons do mundo. Nesses momentos me sinto sempre diminuída como um pequeno pedaço de pano velho e usado, sem serventia. Eu sinto as lágrimas queimando meus olhos e não quero chorar, mas não me controlo.

Evito olhar para o rosto de Yan porque sei que vou ver pena e compaixão. Eu queria que ele me olhasse como olha para a Estela que estuda comigo ou para a Katia que canta no Yet. Um olhar de admiração, cobiça, entorpecimento. Quando eu viro o rosto para ele, noto que Yan está olhando pela janela do carro, envolto pela fumaça do seu cigarro, ele nem percebeu minhas lágrimas e fico feliz por isso.

Os meus lábios articulam as palavras, mas elas não saem como quero. Na minha mente as frases se formam e fluem como dente-de-leão na brisa suave, ordenadas e bonitas, mas aos meus ouvidos moucos eu escuto apenas gemidos de algum bicho afônico.

Yan me olha e fica assim tentando entender o que quero falar. Às vezes tento me expressar através das palavras porque quero me fazer entender. As mãos articulam em conjunto com os gemidos e ele continua me observando com a sombra da incompreensão no rosto. Eu me sinto sufocada com a nossa proximidade, o carro parece diminuir, então, eu coloco a cabeça para fora da janela e fico assim com a testa escorada no carro, respirando fundo, tentando fazer as lágrimas e as palavras entrarem num acordo.

“-Está tudo bem, Gaia “ - Yan toca meu ombro “- Vamos dar uma volta e você vai esquecer esse aparelho”.

Levanto o rosto, os cabelos estão me sufocando, por isso eu os prendo num penteado alto que deixa meu rosto avermelhado exposto. Yan me dá um beijo na testa como um irmão faria e eu fico me sentindo cada vez menor e menor.

O carro arranca, eu afundo os dedos no banco de couro e caímos nas avenidas da cidade com os restos de raios de sol se derramando num laranja pálido.

Ele aumenta a velocidade, eu posso sentir o carro rugindo como minha voz presa na garganta, ele está quase gritando, a lataria treme, Yan força mais ainda sua capacidade. Estamos praticamente voando pela autoestrada, o

vento bagunça os fios do topete dele e seus olhos estão vidrados na estrada. Eu posso sentir sua vibração, Yan faz isso porque ama, porque é apaixonado por velocidade. Como se correr pudesse dar a ele algum sentido oculto de existência. Eu chego a pensar que me sentiria assim se um dia acordasse e pudesse me ouvir falando perfeitamente todas as sentenças que sempre quis.

Meu corpo está relaxado apesar da alta velocidade. Fico pensando que se a gente morrer vai ser de repente, sem dor. O problema da morte é a dor assim como o da vida. Se ela for ligeira e indolor, tudo bem, fechamos os olhos e acordamos no paraíso das almas sem formas, onde os sons e os movimentos podem ser alcançados por todos porque as almas não têm cor, anomalias, credo, sexo ou religião. As almas são ar.

O rádio está cuspidando notas altas do saxofone misturadas a um piano. É uma melancolia eufórica, o Blues, como Yan costuma dizer, pode salvar uma vida. E fico pensando nisso desde o dia que ele me mostrou esses sons. Ele me deu um rádio antiquado, algo que pegou do seu tio, e gravou fitas k-7 com todos saxofones, trompetes, pianos e melancolias. Escuto antes de dormir, com a potência dos meus dispositivos auditivos no máximo. Yan sabe como ser especial de um jeito despretensioso, mas quando ele está assim atrás do volante, o rosto bonito de perfil eu capto um tipo de sombra azulada. Não sei se é a réstia da luz do fim do dia ou se é tristeza, mas Yan também é uma pessoa muito perdida.

Enquanto o carro flutua pela estrada esqueço que falei para minha mãe que estaria na casa da Estela estudando para os exames finais. Ela deve estar aflita e meu pai provavelmente tentando acalmá-la. Não me lembro deles quando estou com Yan porque ele tem essa presença que engloba toda nossa atenção sem dar espaço para distrações. Yan pisa mais fundo no acelerador e vejo no seu rosto uma trêmula expressão

de raiva. Apesar de sairmos há um ano, não sei muito sobre sua vida. Sinto que ele vive fugindo de si mesmo, enfiado no personagem rebelde que criou para mascarar sua solidão, seu ódio, sua revolta.

Antes de sentir o impacto, escuto o ruído de estática elevar ao máximo no aparelho do meu ouvido me obrigando a tirá-lo. O freio do carro rasga o ar fazendo o cheiro de borracha queimada entrar pelas janelas.

“Batemos em algo”

É a primeira coisa que penso. E a segunda é.

“Matamos alguém.”

A fumaça ao redor do carro nos deixa sem visão. Yan está branco feito papel, a respiração dele está ofegante, o mundo volta a cair no chiado atordoante porque eu continuo com o aparelho na mão e ainda assim escuto os chiados. Estou tão trêmula que parece que o ar ao meu redor está balançando. Yan olha pelo retrovisor na direção da estrada atrás de nós, ele está tremendo também porque seus lábios ficam se movendo e não consigo ouvir. Estou tão atordoada que por um momento quase acredito que tudo não passa de um sonho e logo vou acordar na sala de aula como às vezes acontece.

“- O que foi isso?”

Eu vejo essa frase na sua boca, mas o som não existe. Olho para trás com medo de ver algo, meu pescoço quase não atende o comando de virar. Por mais que me esforce em enxergar não há nada na estrada. Não sei se sinto alívio ou desespero. Tento me confortar pensando que pode ter sido um animal que fugiu, mas o barulho foi tão alto e o vidro está rachado mostrando que alguma coisa maciça se chocou. A velocidade na qual Yan dirigia seria capaz de acabar com qualquer coisa.

“- Gaia, fica aqui que eu vou lá ver.”

Yan segura meu rosto e articula essas palavras com calma, suas mãos estão geladas e os olhos amedrontados. Ele desce, e desaparece na névoa de fumaça que ainda está nos cercando. Nenhum carro passa na estrada, parece que entramos em outro tipo de dimensão onde o mundo inteiro ficou deserto. Eu coloco o dispositivo no ouvido de novo e regulo o som. A estática me atinge e me sinto tonta, abaixo a cabeça tentando amenizar a dor no ouvido. Escuto alguma coisa como uma estação de rádio dessincronizada, são vozes. O meu aparelho está sofrendo algum tipo de interferência. Desligo o rádio que ainda ecoava a voz lamuriosa de Bessie Smith. Mesmo assim, a estática continua.

“- Isso dói.”

Escuto essa frase ecoando por minha cabeça vinda de algum lugar dentro do pequeno aparelho do ouvido. Yan não volta e isso me deixa ansiosa. Desço do carro e vou caminhando à procura dele que não está mais na estrada.

Ele vem correndo do acostamento saído do meio da vegetação rasteira ao lado da rodovia. Está ofegante e avermelhado, seus cabelos estão espetados para todos os lados.

Eu gesticulo perguntando o que aconteceu, minha voz quer sair junto com os gestos, mas continuo limitada aos gemidos afônicos.

“- Não é nada. Não achei nada, Gaia, vamos embora. Acho que foi um bicho.”

Ele me leva até o carro olhando para trás. Yan parece desconfiado e mentiroso. Eu sento no banco do passageiro e continuo ouvindo as vozes distantes dentro do meu ouvido uma delas não se cansa de lamentar o quanto sente dor.

Yan demora a fazer o carro funcionar, deixa apagar muitas vezes. Ele está nervoso, toda hora olha para trás da estrada. Sei que está me escondendo algo. Então, eu vejo uma marca na sua camiseta, algo parecido com sangue. Puxo seu

braço e aponto aquela mancha, completamente transtornada fico tentando articular as palavras. A agonia toma conta da minha garganta me fazendo sufocar na ânsia em falar.

“- Me deixa Gaia! A gente precisa dar o fora!”

Ele me empurra para o lado e fico amassada contra a porta do passageiro olhando para ele, sentindo as lágrimas ardendo nos olhos. O carro volta a correr na estrada e continuo com os olhos fixos na mancha da camiseta dele. As vozes por trás dos ouvidos aumentam e diminuem conforme avançamos na estrada. Eu tiro os aparelhos dos ouvidos e os guardo na minha bolsa, os ruídos continuam. Yan me olha de vez em quando com um ar preocupado, eu aperto os olhos e tento me concentrar, tento ignorar as vozes na minha cabeça, mas aquela lamúria “Isso dói” continua crescendo e crescendo ganhando cada vez mais forma e som.

A última nota

“Well you talk about hard luck and trouble
seems to be my middle name
all the odds are against me
Yes, I can only play a losing game
these chains that bind me
can't lose these chains and things”

Mais uma noite de apresentação no Yet na companhia de Li no piano. Sábado as pessoas se aglomeram nas mesas e no balcão. É ótimo quando o espaço se torna pequeno. A fumaça dos cigarros se mescla à luminosidade das poucas luzes coloridas postas no tablado que serve de palco. Não caberia uma banda inteira aqui, mas é tudo o que temos. O que importa é a música, não o lugar.

As pessoas estão falando mais alto do que meu trompete, Bessie corre para atender os pedidos dando ordens à nova garçonete que está ajudando. A cozinha não para e imagino como o Tom deve estar irritado com a movimentação, ele é o responsável pela cozinha e sempre fica irritado aos Sábados, mas é tudo fachada porque Tom gosta da casa cheia e da pressão na cozinha.

Enquanto toco alguma melodia que me leva de volta à infância quando ouvia Mile Davis, sinto uma onda de fraqueza me invadir. Preciso sentar um pouco e respirar fundo antes de continuar. Ninguém percebe que parei de tocar, apenas Li que fica me olhando intrigado atrás do piano. Eu pego o cigarro que deixei no cinzeiro sobre a caixa de som, dou uma tragada e me sinto um pouco melhor. Volto a soprar o trompete e durante uma nota mais aguda vejo as pessoas desfocadas como se estivessem presas em outro tipo de plano.

Estou caindo, indo direto para o chão do tablado e no último instante me sinto constrangido por ter chegado a tal ponto. Um homem como eu não deveria sequer sair de casa. Linda costumava dizer que todo homem precisa de um trabalho, não sei o motivo de lembrar disso nesse momento, mas fico pensando que quando terminar esse show, quando eu soprar a última nota irei transformar a minha vida para melhor.

Li está sobre mim e Bessie segura meu corpo para me manter sentado. Não sei como cai, mas estou no chão sentindo uma estranha latência percorrer meu braço. As pessoas me olham assustadas como se eu fosse uma aberração.

“- Chama uma ambulância”

Quem fala é a garçonete Bessie com quem sempre me dei muito bem.

“- Não precisa de ambulância”

Eu tento murmurar para ela que me ignora. Com muito custo consigo ficar sentado por conta própria. Um homem diz que eu estive perto de ter uma parada cardíaca, não sei quem é, talvez algum dos clientes.

A minha mão está pesada quando levanto para gesticular dizendo que tudo isso é besteira, estou ótimo, mas quando Bessie me coloca de pé não me sinto nada bem. Os fogos de artifício estouram em frente aos meus olhos enquanto o mundo gira na escuridão.

Eu tive um início de enfarte, o coração velho não está mais respondendo como antes e quando volto à consciência deitado na minha cama na casa da rua 63 eu acredito por um momento que sou o velho Ícaro dos 16 anos porque de alguma forma a silhueta de Bessie ao lado da cama me lembra a de Linda naqueles tempos que caía de febre e ela velava por meu sono na cabeceira.

Mas a realidade é esse fogo fátuo de lembranças. Logo percebo que Bessie não é Linda e que não sou mais o garoto adoentado de anos atrás.

"- Você precisa ver esse coração com urgência, Ícaro".

Bessie fala e me ajuda a ficar sentado colocando travesseiros atrás das minhas costas. O seu olho de vidro torna sua expressão um pouco assustadora porque a íris falsa não emite brilho nenhum. Sinto o pigarro escalar minha garganta e começo a tossir até o esqueleto chacoalhar. O meu trompete está repousando aos pés da cama, alguma boa alma lembrou de tomar cuidado com ele.

"- Eu nunca tive nada no coração". - comento com Bessie.

"- É assim mesmo, quando a gente menos espera ele para e quando não para por completo deixa um monte de problemas para trás. Eu tive um padrasto que morreu de enfarte do nada enquanto cortava a grama".

Bessie está fumando um cigarro, a fumaça toca meu rosto e me deixa com vontade de dar um trago, mas o coração galopando no peito me lembra de que o próximo cigarro vai ter que esperar alguns dias.

"- É, você está certa, eu acho que vou procurar um médico. Como eu vim parar em casa? Eu fui para o hospital?"

"- Foi, mas te liberaram logo. Faz um tempão que eu te trouxe para cá de táxi. Sabe que não dirijo. Um dos clientes do Yet foi comigo e me ajudou a te tirar do carro. Ele parece gostar mesmo do som que faz porque não saiu de perto de você."

Eu consigo me lembrar do homem comentando sobre o início de enfarte, alguém que frequenta o bar, ele deve escutar as notas do meu trompete todas as noites e isso nos liga de alguma forma, mantemos uma relação secreta onde nenhum dos dois se conhece de verdade, mas a melodia das canções nos aproxima como irmãos humanos.

"- Eu vou agradecer da próxima que ele for ao Yet."

Bessie concorda e me deixa sozinho depois de umas doses de uísque compartilhadas. Ela resistiu no início a me deixar beber, mas logo cedeu porque ninguém pode ficar doente e

sóbrio. Vivo e sóbrio. A sobriedade é um tipo de fardo que poucos conseguem suportar e não estou entre eles.

Depois que ela vai embora, eu encho mais algumas doses de uísque e com esforço saio da cama para colocar um disco na vitrola. Pretendo dormir ouvindo Coltrane que sempre foi um dos meus mentores, o som começa a ecoar pelo quarto quase vazio. Olho a noite pela janela se derramando na rua sob as fracas luzes dos postes. Se não fosse a iluminação pública o mundo seria apenas breu, a lua pouco ilumina essa noite porque está fraca e amarelada. Lua nova com uma cara desgastada.

A ideia de quase morte começa a se deitar sobre meus pensamentos, por mais que tente pensar em um futuro bom, em perspectivas novas ou resgatar na memória as boas recordações da minha infância nessa casa, só consigo pensar em sombras e frio. Na cor das lágrimas azuis do garoto que fui sobre o caixão da minha tia Linda. A morte se manifesta através do luto que é escuro, ausente, que leva um pouco da nossa energia vital.

Pensar na minha quase morte, no coração com dificuldade de cumprir suas funções, me arrasta para um tipo de melancolia letárgica onde não consigo voltar para cama e muito menos fazer qualquer outra coisa a não ser olhar a rua vazia pela janela com o copo de uísque em uma das mãos. Penso na minha finitude como homem e na minha incerteza além-túmulo.

Lembro de Linda segurando seu terço no leito de morte, os olhos doentes e confiantes em alguma força superior que ela chamava Deus. A morte parecia quase nada para ela naquele momento porque sua ideia de paraíso a salvava da expectativa de danação.

Fico invejado com sua capacidade de fé, de crença, sua espiritualidade a salvava dos dias de pobreza e fracasso.

Tento pensar em Deus e só consigo sentir a morte soprando em meu ouvido os sons que Coltrane tira em seu blues.

É uma ideia fixa: eu vou morrer daqui uns dias. Por mais que o médico diga que preciso apenas tomar uns comprimidos e tudo ficará bem, eu sinto a morte no pé do ouvido cronometrando meu tempo. Sempre fui vadio o suficiente para não me preocupar com os ponteiros do relógio, mas é impossível agora ignorar o tique-taque da minha vida que está por um fio.

Olho de vidro

"This is the blues
just a feeling deep inside of me
this is the midnight blue"

O trompetista que se apresenta no Yet é um homem de vigor, ele tem um coração bom que acabou falhando. Tentei ajudar como pude e depois de deixa-lo em casa voltei para meu apartamento pensando na forma que seu rosto ficou pálido como de um morto. Sinto vontade de chorar por ele porque realmente achei que estivesse morrendo. Nunca vi ninguém morrendo e essa ideia começa a me assombrar.

Os meus gatos estão quietos o que é estranho, pelo menos Rafa deveria estar miando e me seguindo pela casa, mas eles continuam jogados pelos cantos da casa como se pudessem sentir a minha vibração baixa. Estou sendo sufocada por sentimentos que não sei de onde vem.

O banho não descansa o corpo, o leite quente não consegue aquecer a minha barriga, eu fico sentada na mesa da cozinha tentando compreender a origem do mal que declina minha força de vontade. Por Deus, eu me sinto terrivelmente vazia e sozinha. O olho de vidro repousa à minha frente e fico observando as nuances no seu interior como se fossem imagens numa tela de tevê.

O que é isso? Eu me pergunto e pego o olho falso para observar de perto com o meu olho sobrevivente. Lá dentro posso ver eu mesma de outra forma. Estou saindo de casa, minha mãe chora e grita, todos estão nervosos porque estou indo embora. Não sei se essas lembranças estão na minha

cabeça ou se acontecem do jeito que acontecem, se desenrolando dentro de uma prótese de olho.

Um dos gatos me distrai ao pular na mesa, Dona está me encarando com seus olhos amarelados enigmáticos. Nós duas ficamos um tempo apenas se encarando, ela parece me estranhar porque seus pelos arrepiam e as presas são projetadas num rosnado.

"- Querida, o que foi?" - estico a mão para tocá-la e Dona salta para a pia.

Ela desaparece ao pular de volta para o chão. O seu estranhamento me deixa encabulada, começo a sentir que algo não faz parte de mim. Como se a casa não fosse a minha e eu estivesse invadindo, a qualquer momento a proprietária iria me achar ali. Eu ando pela casa e me certifico que estou no lugar certo. Uma ideia absurda passa por minha cabeça: e se eu tiver entrado pela porta do vizinho? Aquele com quem faço trocas musicais? Impossível, para entrar na sua casa eu deveria ter a chave.

O apartamento é o meu porque reconheço meus móveis, meus discos, meu rádio, os sofás e samambaias adoentadas penduradas na varanda. Não sei o que acontece porque mesmo sabendo que estou onde estou e sou quem sou, eu me sinto deslocada, fora do lugar certo.

Angustiada, eu me deito no sofá e fico ouvindo o som que vem do vizinho. Nessa noite ele está escutando algo de Nina Simone, é lindo e me faz sentir vontade de derramar lágrimas.

A tristeza é uma melodia, ela embala nossos pensamentos e nos leva embora numa descida rumo ao escuro. O episódio do enfarte de Ícaro mexeu mais comigo do que consigo admitir. Ele parece gostar da vida apesar de tudo que implica estar vivo.

O meu olho de vidro queima na mão, ignoro as imagens que passam dentro dele. Sou eu há 5 anos caminhando de volta para casa sendo seguida pelo estranho que me arrebetou.

A voz de Nina Simone continua viajando do apartamento vizinho, então escuto passos na porta. Eu sei que é ele. Primeiro foi o telefonema misterioso, agora ele está aqui. Coloco o olho falso no vácuo do meu globo ocular perdido e encaro a porta, estou paralisada no meio da sala e meus gatos começam a perambular pelo apartamento.

A qualquer momento ele vai bater na porta, eu espero com a ansiedade percorrendo cada parte do meu corpo em ondas de tensão. Mas ele não bate, vejo a sombra dos pés por baixo da porta e ele continua parado. Eu caminho para trás até encostar na sacada.

"- Bessie!"

É a voz de Ícaro, ele está parado lá embaixo na calçada.

"- Não faça isso, Bessie!"

Ele grita de novo. Não entendo o que quer dizer. Ícaro estava repousando em casa. Não tenho certeza se esse homem gritando comigo é mesmo o trompetista.

Os pés atrás da porta estão se movendo, a sombra parece ter vida própria. Eu lembro da minha vida antes desse estranho que me encurralou no beco. A vida antes do olho de vidro. Sinto vontade de me misturar ao ar feito partícula de poeira. Meu coração dói porque vejo a porta da sala abrir e a silhueta do estranho aparecer agigantada, sua sombra se derrama pelos meus móveis e paredes.

Estou no segundo andar de um pequeno prédio. Sempre tive medo de altura. Quando me mudei para cá com Dani ela dizia que uma queda do segundo andar renderia apenas algumas fraturas. "- Não dá para matar", ela costumava dizer.

O asfalto está úmido porque cai uma chuva fininha, mas a umidade não parece ser apenas da água. Eu estou aberta, é assim que me sinto com parte do meu rosto afundado no chão.

Algo não está certo na forma que meu maxilar está posicionado e o nariz expelle torrentes de um sangue grosso.

Como um peixe fora d'água eu sinto os meus músculos se contraindo involuntariamente. Eu não sinto dor, apenas dormência.

Ao longe, escuto os miados dos meus gatos, reconheceria Dona e Leo a qualquer distância. Eles são os mais barulhentos. Tento mover o rosto, mas eu peso uma tonelada e meu corpo não me obedece, continua tremendo e convulsionando.

"- Bessie? Bessie? Está me ouvindo?"

Os pés se aproximam do meu rosto afundado na calçada. São os sapatos dele, eu lembro do tênis sujo. Quero olhar para cima, não adianta, o meu corpo não se move.

"- Bessie?!" - Ícaro fala alto perto do meu rosto.

Ele está segurando meus ombros porque eu salto no sofá fazendo o corpo se mexer finalmente.

Tudo foi um pesadelo. Eu demoro a compreender que aquela é minha sala e aquele é o cara do trompete que toca todo fim de semana no Yet.

"- Ícaro, o que você faz aqui?"

"- Você me ligou, Bessie. Eu fiquei preocupado e vim."

"- Eu te liguei?"

"- Ligou. Não faz nem 10 minutos. Você ligou e só chamou meu nome baixinho. Tentei falar com você, mas acabou desligando."

"- Eu não lembro de ter ligado para você. Não devia ter saído do repouso."

"- Que nada, Bessie, minha casa fica no fim da rua."

Os gatos estão ronronando ao redor dos pés de Ícaro como se tivessem preocupados. Eu tento me levantar e sou atingida por uma tontura atípica.

"- Bessie, você está passando mal? Quer que eu ligue para alguém? Chame uma ambulância?"

"- Não, Ícaro... eu vou ficar bem. É só que eu estava sonhando e foi horrível. No sonho eu pulei da minha sacada e... você estava nele, me chamando."

Ícaro coçou o cavanhaque e ficou pensativo. Na penumbra da sala sua palidez era preocupante e desbotava a pele negra.

"- Você passou mal antes de dormir? Tomou algum remédio? Você está com o rosto tão magro e eu te vi não faz nem uma hora e seu rosto não estava tão magro assim."

Depois de reordenar a respiração, consigo levantar do sofá. Leo está se esfregando em meus tornozelos, eu o pego no colo e acaricio. Não sei o que dizer para Ícaro, estou me olhando no espelho da sala e meu rosto não parece mais o mesmo, está magro e azulado.

"- Ah Ícaro, eu acho que isso é cansaço. Eu ando tão cansada."

Ele está murmurando a canção que ecoa do apartamento vizinho enquanto me observa. Nós dois não estamos bem, isso é visível, algo não funciona direito em nosso corpo e acredito que até nossas almas estão encolhendo.

Ícaro fica um tempo me fazendo companhia e vai embora. Depois que ele sai, tranco a porta e antes de ir para o meu quarto me certifico de que não há sombra de pés por baixo da porta. Não vejo nada ali, mas escuto. Passos caminhando pelo corredor, passos que nunca chegam até minha porta.

Grito mudo

“Go on! May God bless you
It was fun. While it was fun
Baby, I hate to lose you
I say I hate to lose you baby
It's all over! What's done is done”

Na última vez que estive com Yan algo nos deixou estranhos depois do que vimos na rodovia. O acidente que não existiu e a pessoa ou coisa atropelada que desapareceu. Não nos vimos mais desde então e isso faz uma semana. Yan não apareceu no fim das aulas atrás do pátio da escola como sempre fez. Eu quase chego a acreditar que nunca mais irei vê-lo. Talvez ele tenha se cansado do meu silêncio, os ouvidos falhos, dispositivos auditivos, a fala esquisita e afônica, as proibições dos meus pais. Ele deve ter arranjado algo melhor para fazer. Não é isso que as pessoas fazem? Sempre arranjam algo melhor para fazer onde não estamos incluídos.

Em casa, meus pais dizem que sou normal e não devo pensar o contrário, mas não consigo pensar diferente. O mundo me faz sentir um objeto disfuncional, algo fora de lugar. E não dá para encarar isso normalmente, mesmo que eu finja com todos livros que entulham as estantes do quarto, mesmo que o rádio que Yan me deu fique ao lado da minha cama, guardado feito tesouro e amado feito um bichinho de estimação, não consigo encarar a surdez com naturalidade. Mesmo desejando ouvir os sons do mundo, quando desligo os dispositivos não encontro o apaziguador silêncio. Porque os ruídos persistem, vozes nada familiares que se alternam em gritos, cochichos, risos.

Por mais que tente fazer a minha cabeça parar de ouvir, ela continua. Os sons atrapalham minha sonolência antes de cair no sono restaurador, atrapalham a minha concentração na sala de aula ao tentar acompanhar o que os professores dizem e o que escrevem no quadro. Os dispositivos não tornam a audição tão eficaz, eles ajudam, mas nem de longe substituem ouvidos sadios.

O dia do acidente volta a todo momento, como flashbacks atrapalhando quaisquer lembranças. Se estou observando meus pais discutindo na cozinha, vejo o laranja do fim do dia iluminando a pista quase escura com um corpo estendido. Sacudo a cabeça, se tento assistir algo na TV, o flash do sangue na roupa de Yan aparece entre uma cena e outra. E se fecho os olhos no escuro do quarto, o rádio ligado tocando alguma melodia na voz de Ella Fitzgerald, eu vejo algo caminhando na minha direção na estrada, não parece um ser humano, é apenas uma sombra azulada e ensanguentada. Salto na cama e a escuridão do quarto somada à voz de Fitzgerald dissipa o assombro.

A nossa mente prega peças o tempo inteiro e às vezes nos agarramos à corda bamba sobre o poço negro das suas artimanhas.

Apesar de Yan não aparecer mais atrás da escola, eu continuei esperando por ele todo fim de aula. Voltei para a escola caminhando, ignorando o ponto de ônibus, na esperança de encontrar algum dos carros antigos do seu tio perambulando por lá.

Na última vez, enquanto caminhava tocando as flores das árvores na calçada, eu vi um carro dobrar a esquina, era um Impala Sedan '63, azul metálico com o teto branco. Eu conheceria esse carro de qualquer jeito porque foi nele que vi Yan pela primeira vez estacionando em frente à escola. Quando ele ainda tentava se submeter ao sistema educacional.

Primeiro, fiquei parada observando-o deslizar pela rua com lentidão. Eu vi a silhueta inconfundível do motorista, o penteado a la James Dean, o rosto levemente inclinado para o lado e o braço dobrado na janela aberta. Era o meu Yan, a potência do pronome possessivo fez minhas pernas deixarem a inércia e correrem atrás do carro. "O meu Yan, o meu Yan" a ideia englobou cada partezinha do meu cérebro até se tornar uma verdade incontestável.

O carro foi estacionando assim devagar no acostamento, eu pude perceber a minha imagem crescendo no retrovisor, os olhos arregalados, os fios de cabelo escapando do prendedor que os levantavam em um rabo-de-cavalo. A imagem era assustadora, talvez ela tenha feito ele parar. Não tinha certeza se Yan queria me ver, ele nunca mais me procurou. E lembrar disso me fez parar a corrida perto da porta do motorista e me balançar na incerteza se deveria abaixar o rosto para encarar seus olhos ou se deveria tomar fôlego para uma segunda corrida e me afastar dele.

Optei pela primeira possibilidade, abaixei no vidro da janela, o rosto de Yan estava de perfil, ele estava olhando a rua. Meu coração ficou um tempo congelado, pulsando no tórax que parecia uma caixinha pequena demais para sustentá-lo.

"- Você sumiu, Yan", eu tinha tanto para dizer e saiu apenas a frase que prometi a mim mesma que não diria. O tom lamurioso liberou o caminho das lágrimas, eu me senti bem tola, bem infantil. Mas não consegui parar de repetir.

"- Você sumiu, Yan", na minha mente, mas as palavras saíram atropeladas, emboladas na minha afonia. Era tenebroso me ouvir, então, parei de falar resgatando a consciência de que eu não tinha fala. Ele não iria me entender, a minha voz não existia.

Levou alguns minutos para Yan virar o rosto para mim, ele não percebeu que tentei gritar e o grito continuou mudo

nas minhas cordas vocais inutilizadas. Dentro dos meus ouvidos, os ruídos intensificaram e por alguns segundos ficavam suspensos para voltarem com força total depois. Eu pensei que talvez estivesse enlouquecendo ou morrendo o que dá no mesmo.

Yan remexeu em algo no porta-luvas, uma ideia louca se manifestou na minha cabeça. Ele talvez estivesse procurando o revólver que dizia ser do tio, o revólver que ele dizia estar sempre carregado. Afastei alguns passos acreditando que ele me mataria ali mesmo na calçada com todo mundo vendo. Eu não duvido de nada que Yan possa fazer porque ele sempre me pareceu alguém capaz de tudo, acho que é porque ele falava isso o tempo todo, "eu sou capaz de qualquer coisa". E era mesmo.

Ele tirou do porta-luvas um envelope de correspondência que era para ser banco, mas tinha algumas marcas de dedos sujos de graxa. Yan pegou nele depois de consertar algum carro com o tio. Eu peguei, meus dedos tremiam tanto que o papel ficou chacoalhando em frente aos olhos dele. O carro deu partida e o levou embora sem dizer nenhuma palavra. Parecia um sonho, uma névoa dessas que entramos quando as coisas simplesmente se tornam inexplicáveis e enfumaçadas.

Senti alívio, Yan desapareceu ao virar o quarteirão, não precisaria mais esperar por ele atrás do pátio do colégio. Meus pés me levam de volta para casa enquanto amasso o envelope na mão. Não precisaria mentir para os meus pais para ir encontra-lo. Eu estou louca para ler o que tem dentro do envelope, mas me contenho assim como tento segurar as lágrimas. Eu não precisaria mais me sentir diminuída cada vez que ele olhasse para as moças que passavam por nós no shopping, nas praças, em nossos passeios. Eu nem vejo quando atravesso o portão de casa. Na cozinha, minha mãe prepara o almoço e diz alguma coisa que não escuto, estou com os

aparelhos desligados e os ruídos continuam infernizando minha cabeça.

Eu me tranco no meu quarto, o silêncio impera por uma fração de segundos. Eu me sinto aliviada de novo, mas algo começa a pesar no centro do meu peito que faz trabalhar à força um motor pesado bombeando seiva bruta, não é mais um coração de carne. Eu abro o envelope depois de me sentar na cama. As palavras foram escritas por alguém que não tem o hábito de segurar uma caneta, são garranchos. São erradas, doem os olhos cada erro grotesco de ortografia e concordância. É Yan, posso vê-lo em cada palavra porque o jeito que ele escreve é exatamente como fala. Yan nunca aprendeu a escrever direito, ou ler, mas nunca o considerei burro, ele sempre foi mais esperto do que eu mesmo que passe os meus dias com o nariz metido entre livros.

A princípio, apenas olho a carta, viro o papel amassado, para em seguida respirar fundo e começar a ler de verdade e começar a colocar para dentro da cabeça o significado daquele amontoado de frases. A carta diz:

"Oi Gaia,

acho que nunca escrevi pra ninguém antes e achei melhor te escrever por causa você sabe é mais fácil do que tentar te ficar falando me desculpa pelo todo erro que tiver nessa carta. Eu vou estar longe quando ler essa carta. Não sei nem se vou te esperar atrás do pátio da escola pra te entregar. Se ela não tivesse algo tão sério eu deixaria com a sua amiga Barbara pra te entregar, mas eu sei que ela vai acabar abrindo pra ler. Queria evitar te encontrar porque ia tornar tudo mais difícil.

Naquele dia na rodovia eu atropeliei um homem. Menti pra você porque nao queria que passasse pelo o que eu estou passando. Não queria te envolver. Você não teve culpa. Eu sei que não dá pra te enganar. E não queria desaparecer e te deixar pensando que foi por alguma coisa que você fez e alimentar a sua ideia de que Ninguém gosta de você por causa da sua limitação. Você é uma garota muito bacana e a melhor que eu encontrei. Você nao sabe

mas nunca me incomodei com seus aparelhos auditivos e sua dificuldade de falar. É engraçado como você mesmo sem ouvir direito foi a pessoa que mais escutou com atenção as minhas tolices e me incentivou em tudo. Nunca vou esquecer disso. Eu queria te pedir pra não brigar com seus pais. Se eles não deixavam a gente namorar é porque se preocupam com você. E não queria que continuasse se achando menos por ter sido adotada por eles. As pessoas gostam de você Gaia, não tenta fugir disso. Não alimenta essas ideias de inferioridade. Todo mundo tem suas limitações. Olha pra mim, eu tenho tudo no lugar quando a gente olha assim de primeira, mas a minha cabeça é toda errada e fora do lugar. Você sabe, eu larguei a escola não só por ser um saco, mas é que eu tenho aquilo que chamam de dislexia e isso me fez sentir menos a vida toda. E talvez por isso eu sempre gostei de correr de carros porque era sair do meu próprio caminho de fracassos. Eu nunca te disse essas coisas porque não sabia como te falar e eu tinha medo que você fosse ficar sensível e fosse chorar como naquela primeira noite que a gente foi no cinema e elogiei o seu vestido e pernas. Você chorou o filme todo e tentou fingir que era por causa da história. Não gosto de pensar em você chorando ou sofrendo. Eu preciso ir embora por causa do que aconteceu mas também porque sempre quis sair dessa cidade. Não espero que você vá entender. Eu te prometi que te levaria junto um dia...mas as circunstâncias são outras. Mais cedo ou mais tarde vão descobrir o corpo ao lado da rodovia. E quero te deixar claro que não escondi ele lá. Mas de alguma forma ele andou até lá e morreu. Nunca tinha visto um cadáver antes e não ser em filmes...e isso nunca mais vai sair da minha cabeça. Eu durmo e vejo ele e quando acordo sinto cheiro de morte no quarto. Eu preciso ir embora Gaia e por favor não termina de ler essa carta chorando. Eu espero que você seja feliz de verdade e esqueça esse sofrimento por não ouvir, acho até que a vida é melhor no silêncio. Obrigado por ter sido a melhor namorada do mundo mesmo que nem tenhamos sido mesmo um casal direito. Eu sinto muito por tudo. E por todas vezes em que eu nunca consegui te dizer como você é maravilhosa, é que não queria te fazer chorar.

Assinado: você sabe quem"

Os meus olhos estavam derramando lágrimas antes mesmo de começar a ler, não adiantava Yan me pedir para não chorar, simplesmente elas rolavam pelo meu rosto me deixando acalorada e com a cabeça constipada e dolorida. Ele deve ter demorado muito para escrever algo assim, dias ou semanas. Abraço a carta como se pudesse abraçá-lo de verdade, algo que raramente fazia. A minha memória volta para o dia do acidente na rodovia, o sangue na camisa de Yan, a forma que seu rosto ficou azulado, ele poderia desmaiar a qualquer momento. Um homem morto no acostamento, mas nós nem vimos ele passar, estávamos distraídos? Impossível, estávamos apenas correndo. Yan sempre gostou de velocidade.

A carta é perigosa demais para que eu deixe no meu quarto, mas não quero me desfazer dela, é a única herança que ele deixou para mim. Eu fico relendo até minha mãe bater na porta com violência. Eu ligo o aparelho, as batidas se tornam mais altas e dolorosas misturadas aos ruídos de estática dentro dos meus tímpanos. Enfio a carta dentro da minha mochila e saio. Minha mãe está me encarando com o semblante impaciente. "Você e sua mania de desligar o aparelho", ela se vira para ir para cozinha e ainda consigo escutá-la "Menina estúpida, haja paciência", mas mamãe não disse isso, sua boca está fechada, mas de onde sua voz veio? Quando nos sentamos à mesa, ela está nos servindo, e ainda de lábios fechados consigo ouvi-la falando dentro dos meus ouvidos, "Ele não vem almoçar de novo, deve estar com a Stephanie. Ano passado foi a Francis, cada ano é uma vagabunda diferente do escritório", ela deixa cair o copo de suco, eu avanço para ajudar, mas mamãe grita comigo tão alto que me sinto zozza. Daria tudo para estar no banco do passageiro do carro que Yan está fazendo ranger na estrada agora.

Coração Partido

"You drove me,
nearly drove me out of my head
while you never shed a tear
Remember?"

"A vida ainda vale a pena Henri", insisto em dizer.

"Eu não sei, Wally, mordo a língua e sinto o gosto de sangue, mas a dor não existe. Quando sofria com dor era melhor, parecia real"

"Não é a primeira garota que te deixa e não vai ser a última"

"Ela era diferente, Ariel era diferente como um uísque escocês é diferente de qualquer outra bebida vagabunda"

"Emily era diferente assim como Eloisa foi e teve aquela outra, Tania? Não me lembro o nome ao certo. Toda garota parece ser a única para você e nunca é"

"Sempre é e a dor que cada uma deixa também, mas a dor que Ariel deixou parece algo que fica assim flutuando e não consigo pegar, me agarrar, fica voando para longe, sussurrando. Eu quero chorar por ela enquanto escuto Fitzgerald e não choro"

Aos Sábados no Yet, muitos jovens se reuniam para tomar drinques e ouvir o trompete de Icaro, outros alcançavam a aurora com lágrimas nos olhos. Naquela noite, Henri compunha o grupo de jovens devastados, mas ele não chorava. Eu dizia a ele o mesmo que disse em todas outras ocasiões que estive com o coração partido, mas não funcionava. Acho que daquela vez Henri estava mesmo em pedaços por causa da Ariel e o curioso é que não vi lágrimas.

Isso me fez pensar se a tristeza, dessas bem profundas, não seria mesmo silenciosa? Tímida, sem berros e choros. Uma

espécie de véu pegajoso a acariciar e envolver os cacos do coração. Eu não sabia que ele amava Ariel, ela era uma garota tão volátil, mimada, não dava para levar a sério o sentimento de ninguém por ela já que a própria vivia tirando sarro dessas coisas.

Era desconfortante assistir Henri definhar, não só por ser meu melhor amigo, mas é que ele era um cara muito gente boa e nunca fazia mal a ninguém. Henri chegava e ficava sossegado no seu canto com uma sombra de sorriso sereno nos lábios, cantarolava algumas músicas antiquadas que ouvia no Yet. Ele sempre foi mais sensível do que todos para algumas coisas e seu calcanhar de Aquiles eram as garotas. Henri não sabia ficar sozinho, estar sozinho para ele era uma espécie de fracasso. Precisava estar apaixonado. Era isso, Henri era uma pessoa apaixonada. Só que ele se apegava às garotas mais esquisitas, essas que ninguém consegue mesmo levar a sério.

Em certo ano, ele tratou de arranjar uma dessas garotas que fazem programas via webcam e dizia que e o amor dele a faria mudar. Claro que ela não mudou, e Henri ficou sentado chorando no balcão do Yet, após 1 ano de namoro, lamentando pra mim como fez naquela noite. Isso era habitual, estranho seria se ele realmente desse certo com alguma das mulheres que escolhia para amar. Henri parece que foi feito para ficar pulando de galho em galho sem encontrar um lugar pra fazer ninho.

"Eu queria ter uma família com ela", ele dizia, a garrafa de cerveja estava intocada. Diferente das outras vezes, não tinha o ímpeto para embebedar.

"Nós iríamos morar juntos logo, ela estava só tentando convencer os pais"

"Henri, a Ariel morava com os avós. Os pais nem no país moram. Eles estão pouco se importando. Ela te enganou, disse um monte de coisas pra você cair feito um patinho enquanto pagava tudo para ela"

"O amor pode matar, Henri", ele falou isso por duas vezes em um tom peculiar, diferente. Sua voz estava mais rouca e séria. Lembro que não dei importância a isso na hora, mas quando deitei a cabeça no travesseiro aquela madrugada fiquei lembrando do rosto de Henri sob a iluminação forte do Yet dizendo que amor pode matar e me senti estranhamente inquieto.

Tentei ligar para ele assim que acordei e a mãe avisou que Henri não tinha voltado para casa. Então, vislumbrei seu rosto na minha memória articulando nos lábios que o amor pode matar em um tom lamurioso como um acorde melancólico de guitarra.

Não consegui comer direito aquela manhã, meu estômago doía. Os pensamentos me assaltavam de repente, lembrando de Ariel e Henri, daquela relação estranha que mantinham. Henri abria a porta do carro para ela entrar, mas Ariel não permitia demonstrações públicas de afeto. Ela era fria, foi isso que pensei quando ele a apresentou para a turma. Os olhos de Ariel viviam apertados porque ela ria à toa, como se estivesse sempre tirando sarro de todos em volta, principalmente de Henri. O amor pode matar, eu me peguei murmurando isso como se cantarolasse. Depois daquela noite, nunca mais encontrei com Henri no Yet, no trabalho ou em qualquer outro lugar.

Um buquê de hortênsias azuis

“My girl, my girl, don't lie to me
Tell me where did you sleep last night
In the pines, in the pines
Where the sun don't ever shine
I would shiver the whole night through”

Quando passei pela porta da floricultura de um velho senhor chamado Levi, voltei três passos para olhar as prateleiras com várias opções de buquês. Uma das opções chamou minha atenção, eram flores com tonalidades azuis. Não sei de que tipo eram porque nunca fui conhecedor desse tipo de coisa. Levi não estava, quem me atendeu foi uma mulherzinha pequena que não dava para imaginar que idade teria, poderia ter muito bem 14 ou 50 anos. Uma dessas pessoas pequenas, encolhidas, que não desenvolvem com o tempo, ficam assim diminuídas em si mesmas numa postura acuada, tímida e às vezes até assustada.

Pacientemente, ela me mostrou cada buquê daqueles, não sabia ao certo o motivo de estar ali cheirando flores e avaliando suas belezas. As azuis chamaram a minha atenção, mas não pedi para vê-las de imediato, precisava checar as outras antes de me certificar que aquelas eram perfeitas. No fim das contas, paguei pelo buquê e voltei a caminhar pela calçada segurando-o com cuidado. Sempre quis entregar flores para alguém. Pensei na tia Linda e em como ela ficaria feliz ao receber aquelas belas flores azuis.

Mas tia Linda tinha morrido há anos e só restou a sua memória dentro da minha, e memórias não recebem flores a não ser sobre a lápide bolorenta do cemitério. Eu ia até a casa de Bessie antes de voltar para minha casa e terminar de

organizá-la, e então, me veio a ideia de entregar aquele buquê a ela. Era a pessoa ideal, porque na última noite que a vi ela estava pálida e amedrontada de uma forma inquietante. Não sei se gosto de Bessie como gostei um dia de um irmão-primo durante a infância ou se o que ela me desperta está mais próximo do que sentia pela tia Linda.

Pensar em Linda de novo faz meu coração galopar no peito com dificuldade. Não posso sofrer emoções fortes, esse vagabundo conseguiu me derrubar uma vez e se eu vacilar vai acabar empurrando meus pés para a cova mais rápido do que eu gostaria. Mas como podemos controlar emoções fortes? Fico me perguntando isso enquanto vou para a porta do prédio pequeno no qual Bessie mora sozinha, insone e cansada. Os seus gatos miam da varanda ao me ver como se me cumprimentassem. Criamos intimidade, acho que eles gostam de mim como a dona, talvez, ou só estou projetando uma situação na qual Bessie poderia ser Linda de novo. A sensação de estar pensando na minha tia da forma que penso me faz sentir um adolescente, o que parece absurdo para um homem da minha idade e do meu tamanho.

Eu subo o lance de escadas que me leva até a porta de Bessie, o andar é pequeno e ao lado da sua porta só há mais uma que vive trancada. Acho que ninguém mora ao lado há anos. Eu bato na porta, primeiro de forma tímida e depois com mais força. Nada. Bessie não abre e os únicos sons que escuto são os gatos miando e derrubando alguma coisa lá dentro.

Ela não está, são 7 horas da manhã e Bessie não está se ajeitando para abrir o Yet. São 7 horas da manhã depois da estranha madrugada que ela me ligou e chamou sussurrando. Eu tento entrar, mas a porta dela continua trancada. Será que Bessie dormiu em casa? Fico me perguntando o que pode ter acontecido e caio na real acerca de Bessie. Eu não a conheço o suficiente para estranhar sua ausência às 7 horas da manhã de uma sexta-feira, muito menos para estar de pé na sua porta com um buquê de flores azuis.

Desisto, desço os degraus e volto para a luminosidade cinza da rua. O dia nublou de repente, e eu que achava que o sol brilharia durante toda manhã, a chuva parece que vai chegar porque as nuvens encobriram a luminosidade. Não adianta, ainda estou pensando em Bessie, incomodado por não tê-la encontrado onde deveria. Eu me sinto traído pela certeza de que a encontraria ali, pela certeza de que sabia quem era Bessie. Assim como me sentia traído cada vez que Linda apresentava um novo namorado, como se aquilo de alguma forma manchasse a ideia que eu tinha dela, como se nuvens carregadas encobrissem a minha certeza de um dia ensolarado.

Eu queria ter certeza sobre o que acho que conheço, mas então algo acontece e estilhaça a minha confiança nas pessoas, a minha confiança na minha própria cabeça e tudo parece fora do lugar como se eu deixasse escapar algum mistério onde todos vivem e se organizam, menos eu. Eu sou uma pessoa retilínea, foi assim que a minha esposa me chamava, "Ícaro é retilíneo, digo, previsível, suas atitudes nunca vão surpreender porque sempre são esperadas". E fazia isso parecer algo ruim. Ela era uma professora de crianças e tinha a mania de falar de mim quando estávamos com sua família, acho que para tentar fazê-los gostar de uma pessoa de cor, mas não dava muito certo. A família dela me olhava como se fosse a encarnação de um diabo.

O buquê está amassado na minha mão sem que eu perceba a pressão feita pelos dedos. Estou voltando para casa que me recebe com a porta de entrada aberta. Eu não tranquei antes de sair? E eu não tinha ido até a padaria tomar meu café? Não sei. De repente, não tenho mais certeza de nada e me sinto traído de novo por minha memória. Tranquei ou não? Alguém entrou?

Eu fico um pouco receoso de entrar na minha própria casa, levo um tempo até atravessar a porta. O buquê está quase espatifado nas mãos. O que eu diria a Bessie quando

estendesse as flores para ela? "São para alegrar seu dia", mas o azul morto das pétalas não poderia alegrar nada além de um túmulo. Bessie sorriria? Ficaria emocionada? Eu conseguiria fazê-la feliz com as flores? Provavelmente, Bessie iria agradecer como fazia quando algum cliente deixava gorjeta sobre a mesa e iria colocar em vaso com água e as flores estariam murchas no dia seguinte. E nada de extraordinário sairia disso. Ela poderia interpretar aquele buquê como um galanteio, logo eu que não sou dado a esses gestos. Ela poderia entender tudo errado e me mandar embora porque estava exausta, porque é alérgica a flores. Quantas mulheres Bessie poderia ser?

Isso tudo passa por minha cabeça e estou em pé na minha cozinha sem perceber que entrei pela porta aberta da frente. Não há ninguém em casa, eu esqueci de trancar, sai de casa e deixei a porta aberta para trás. Onde estou com a cabeça? Desde o dia do início de enfarte enquanto tocava no Yet mais um parafuso se soltou na minha cabeça, eu esqueço pequenas coisas e fico remoendo lembranças de um passado distante. Linda, ela volta a invadir a minha mente e me sinto tragado por uma ideia vertiginosa, ela era a mulher da minha vida e Bessie tem algo nos olhos que me lembra Linda a todo instante. O desvario, talvez, um jeito de baixar o rosto para disfarçar a tristeza, um brilho selvagem de quem é capaz de qualquer coisa.

Eu tinha 12 anos quando experimentei pela primeira vez uísque puro, nada de gelo, nada de dois dedos de água. Apenas a bebida pura descendo queimando e torrando o estômago e fritando os tecidos do cérebro, transportando-me para outro tipo de realidade. A realidade do álcool sempre me pareceu um pouco melhor, distorcida, fluída, múltipla sobreposta. Lá onde eu posso voar é para onde as doses de uísque me levam. Lá onde não existem olhos de Linda que me atiçam comichão na

alma e corpo, lá não existem as dúvidas sobre os comportamentos das pessoas e suas ideias e suas impressões sobre mim. Tia Linda costumava dizer que todo povo preto é demônio, e quando tem dinheiro vira branco e santo porque dinheiro é a aureola dos novos tempos. Lá onde o uísque me leva e me larga não existem pretos nem brancos, nem dinheiro. Os trocados que ganho tocando no metrô só me permitem comprar uma garrafa de uísque, não é nenhum Old Parr ou Jack Daniels. O uísque que bebo é Black stone e tem que ser Black para ser barato e vagabundo. É assim, mesmo, eu tomo a última garrafa para afastar as lembranças da infância. Essa casa me enche de memórias que havia enterrado, mas o Black Stone vai dar seu jeitinho, ele está me levando embora depois que atravesso a porta e volto para a rua, os sons ecoam mole e distantes formando uma melodia engraçada que me faz cócegas, eu dou uma gargalhada tão grande que preciso me escorar nas paredes de alguma esquina sem nome. O meu esqueleto chacoalha na dança da comicidade que é a minha vida.

Eu sigo adiante pelas ruas, a garrafa de uísque me acompanha presa à minha mão, faltam uns goles e posso jogá-la fora ou continuar caminhando com ela vazia. A gente escorrega para dentro da garrafa sem perceber, sem se dar conta que faz isso para fugir e ficar lá dentro dela espremido e amarrotado, flutuando nesse outro lugar feito de ebriedade e memórias ruins. Nem todas as lembranças são ruins, acho que é mais o jeito que elas nos fazem sentir, a forma que lembramos delas, tudo meio confuso, tudo meio mentira. Eu não sei se beijei Linda quando completei meus 15 anos atrás de casa, ela estendia a roupa de cama branca e eu olhava suas nádegas no vestido apertado. Linda tinha mesmo me chamado com o dedo e me dado um beijo na boca que no momento me pareceu errado e fora do lugar? Um beijo na boca nem sempre é certo, foi o que pensei, principalmente quando

é Linda que é dona da boca alheia. Ela tinha cheiro de cebola porque estava fazendo almoço.

Fiquei pensando naquilo por doze meses inteiros enquanto as estações passavam, Linda sempre estendia as roupas nos mesmos dias e horários e eu ficava esperando lá perto, sobre o banco da bicicleta, esperando que ela erguesse o dedo de novo, e eu me deslocasse meio sonâmbulo e bêbado para beijá-la de novo e de novo até minha boca cair em pedaços como aconteceu com nosso vizinho que tinha uma doença que o fazia perder os pedaços do corpo. Tia Linda dizia que era castigo por não ter cuidado do corpo de forma direita. O vizinho deveria ter beijado bocas erradas, era o que pensava, e temia que meus lábios logo começassem a cair. Eles ardiam às vezes, mas depois descobri que era de desejo pelo beijo da tia Linda. A gente pode perder os pedaços de tanto desejo, foi isso que senti durante o resto da juventude e hoje não sei direito se essa lembrança é real ou inventada.

A avenida está movimentada e as buzinas parecem ruídos de pássaros jurássicos. A garrafa de Black Stone esvaziou há tempos e continuo levando-a comigo como sabia que aconteceria. Eu reluto em abandonar coisas vazias porque de alguma forma elas me preenchem. A garrafa preenche minha mão que não precisa buscar desesperada alguma parede para escorar. Eu nunca sei o que fazer com as mãos na presença de mulheres fortes como Bessie. E ela voltou aos meus pensamentos, lembro que Bessie não estava em casa. Onde ela deve ter ido? Será que dormiu depois que saiu na madrugada? Ela estava sonhando coisas ruins, deve ser o olho de vidro que usa. Pobre Bessie, lembro das flores azuis espatifadas no chão da minha cozinha e fico pensando se Bessie não está espatifada em algum lugar, chorando sozinha. Pobre Bessie, sussurro para mim mesmo com muita pena dela e de mim, de Linda e de todas as pessoas jogadas nesse mundo cruel, presas em suas memórias inventadas e tristes.

Eu devo ser como a última música no fim de noite do Yet onde bêbados dormem nas mesas e a Bessie recolhe os pratos. Todos cansados, a música que ninguém ouve e continua tocando. Eu daria tudo para entrar dentro do meu trompete e lá viver como uma partícula sonora. O carro passa voando! Um carro-pássaro ruidoso. Por Deus, os seres humanos e suas máquinas, é muito barulho e pouca música.

As luzes se apagam

"Some folks were meant to live in clover
but they are such a chosen few
and clovers being green
Is something I've never seen
'Cause I was born to be blue"

A minha existência se resume ao meu nome, Bessie, quando penso nele não quer dizer nada. "Eu sou a Bessie", penso deitada no sofá encarando o teto cheio de manchas de infiltração, "não quero ser apenas um nome que me deram sem que eu pudesse opinar sobre ele". Não quero ser eu, estou me separando de mim nessa manhã sem sol. Eu tento me levantar, os gatos miam sem parar, esperam que eu coloque o leite nas tigelas misturado com grãos da ração. Pobres bichinhos, eles também não querem se resumir ao leite que bebem, mas não passam disso: leite, ração, caixa de areia e sonolências.

Não consigo mover o corpo, ele pesa, lembro da última vez que estive de ressaca e foi assim, o corpo não atendia os comandos do cérebro. A última vez que entrei na bebedeira não passava de uma jovem iludida acreditando em um futuro brilhante pela frente. Não existe futuro, nós somos apenas a soma de erros do passado se estendendo num presente incerto, selvagem, descontrolado. O futuro é uma ilusão de ótica.

A minha visão parcial me permite ver apenas parte do teto, viro o rosto e vejo o olho de vidro ao meu lado na mesinha do telefone. O olho reflete algo no seu interior, eu sei o que é e não me interessa em continuar revendo os fatos passados da minha existência enquanto Bessie. Quero esquecer

que existo, tenho um nome e uma personalidade. Fecho os olhos, um deles é murcho. Como a falta do olho me incomoda em manhãs feias como essa em que parecer perfeito seria muito excitante e ajudaria o corpo a levantar.

O ruído do telefone toca quebrando os meus pensamentos em mil caquinhos de vidro, quase posso ouvir os estilhaços indo em todas as direções e acertando os meus gatos. Os meus pensamentos atingindo minha prateleira de enfeites na sala, derrubando os discos ao lado do toca-discos, rachando o espelho. Os meus pensamentos são pedras que voam desgovernadas, mas suspensos pelo telefone, eles assentam, trêmulos, e aguardam para continuar em sua rotação pesada.

"- Alô?", quase não consigo esticar a mão para o aparelho, foi um esforço e tanto atende-lo.

Do outro da linha a respiração ecoa, mas sem nenhum contato, de novo a pessoa fica muda, não estou no clima. Não quero ser importunada, estou prestes a colocar o fone no gancho quando escuto algo baixinho feito sussurro:

"- Bessie?"

A voz. É ele! Quase grito para mim mesma, num rompante me sento no sofá pressionando o telefone contra o ouvido como se quisesse enfiá-lo dentro da cabeça.

"- É você?", estou prestes a chorar.

É ele! Ele me encontrou, descobriu meu número, está do outro lado da linha. O homem do beco, ele que amassou meu olho com sua irritação. Não posso acreditar, estou tremendo da cabeça aos pés invadida por emoções estranhas. As paredes da sala são de um azul-acinzentado que refletem a luz fraca do dia, eu começo a derramar lágrimas e deixo o pensamento escapar por um instante ao pensar que estou chorando a tinta da parede da minha sala.

"- É você?", estou quase de pé, o corpo reanimado, raiva, pavor, surpresa tudo se mistura fazendo a náusea se instalar no meu corpo, não se restringe a bagunçar o

estômago, mas também, o cérebro, porque ele está vertiginoso me fazendo girar mesmo parada.

“- Oh sim”, a voz fala envolvida por uma lufada de respiração forte. “- Eu sinto muito, eu sinto muito”, ela é chiada.

“- Você...você”, não sei mais falar, a minha língua está dormente e inchada, me deixa sem ar ao sufocar a garganta, “você arruinou a minha vida e também sinto muito”.

Percebo que é o choro engasgado que me dá a sensação de sufocamento, a língua não está inchada, mas é a minha boca que bebe as lágrimas salgadas e não consegue articular palavras. O meu rosto todo contraído de dor, mas não física, e sim, uma dor mental que paralisa tudo, impossível de suportar, não há remédio. Estou convulsionando e o fone desliza da minha mão, a voz continua respirando e repetindo “Sinto muito”.

Ar, o ar é tudo o que preciso. Estou enterrada dentro do choro, não lembro como são os movimentos de inspirar e expirar. A garganta está prestes a expelir um bolo denso de tristeza como meus gatos expelam o de pelos. A tosse que me atinge é seca, apenas uma sombra de tosse, não há nada para expelir porque a tristeza não existe enquanto matéria embora ela pese mais do que uma tonelada e meia de concreto esmagando o tórax.

Lanço o corpo na direção da varanda e me agarro ao parapeito, a boca aberta em busca do ar como um peixe suspenso por tempo demais fora da água. Por Deus, se Ele estiver atento a mim nesse momento, sua pobre novilha incrédula pede ajuda como nunca antes. Levanto os olhos para o céu cinza, a lua é azul e ela reflete a face de Deus. Ele é a lua, por minha boca aberta em desespero entra uma rajada de ar que me faz respirar de novo. A manhã chega trazendo uma Lua deusa e me pergunto se o Sol não aparecerá, eles orbitam separados. O que está acontecendo comigo? As minhas

mãos desmancham na parca luminosidade do dia que não parece dia e, sim, uma noite branca.

Os meus gatos estão miando pela sala, me trazem de volta à realidade. Eu olho para eles caminhando meio perdidos e famintos e vejo a porta da sala aberta, ele está parado perto do meu sofá segurando o gancho do telefone, me encarando com seus olhos frios e gelatinosos. "Sinto muito", volta a repetir numa rouquidão exasperante. Eu caio fora de mim, as luzes se apagam.

Wally, poeta

Eu acho que passei tempo demais pensando no Henri, o que foi suficiente para me levar à poesia. Foi numa noite de chuva intensa que os primeiros versos surgiram arrancados de algum lugar inóspito dentro de mim. Eu nunca fui um leitor de poesia. Eu mal sei ler. Mas acho que isso não me impediu de escrever os versos para o funeral do Henri. Eu queria falar sobre ele e acabou se tornando poesia.

Quando terminei de escrever e reli os versos sussurrados diante o espelho, muita coisa ali parecia ter sido escrita pelo próprio Henri. Era como se uma grande parte da sua essência estivesse nas palavras escritas porque ele era o homenageado e sua presença de espírito havia me marcado definitivamente.

"O amor pode matar" foi o que Henri tinha me dito na última vez que nos encontramos e a frase ficou girando e girando na minha cabeça como se prenunciasse algo. Não podia imaginar que Henri fosse desistir da vida, o fato é que não era algo que se restringia aos seus malfadados casos amorosos, era algo que vinha mais de dentro. Um buraco no Henri que não tinha conserto e ele ficava tentando preencher com aquelas mulheres e sonhos apaixonados.

Não fui ao funeral e não levei a poesia. Porque era algo meu e de Henri e a partir do momento que mostrasse aquilo às pessoas deixaria de ser um segredo, iria se tornar algo banal, despejado nos ouvidos de todos aqueles que pouco se importariam com o peso de cada palavra.

A maioria dos espíritos na Terra não está preparada para poesia. O meu sempre esteve mesmo que eu nunca fosse um leitor dedicado. Eu sempre senti as vibrações em volta, a forma como os outros sentiam suas vidas era quase como se fizessem parte da minha própria alma. Absorvi tudo o que sentiam à minha volta como uma esponja e a única forma que encontrei de desaguar todos sentimentos que me amarrotavam foi escrevendo.

O primeiro poema foi para Henri, algo instintivo, cheio de erros é claro. Talvez uma aberração literária que escandalizaria os verdadeiros letrados, mas era algo vindo do meu coração que nunca se importou com normas de escrita.

Depois de Henri a poesia se instalou em minha vida como um grito de socorro, uma tábua de salvação, uma boia jogada ao naufrago. Eu escrevo porque não consigo falar sobre o que sinto, nem tudo que sinto é meu. Às vezes, os sentimentos parecem apenas projeções numa caverna, algo que não nos pertence, mas que são criados por forças externas.

Henri foi uma pessoa marcante na minha vida talvez por ter estourado os miolos com a arma que o pai deixava exposta no escritório. A gente não imaginava que a carabina ainda funcionava. Quando passávamos pelo escritório do seu pai, Henri comentava que era apenas uma relíquia, algo que foi deixado pelo avô que gostava de caçar, uma herança de família. Mas naquela noite ela funcionou como se estivesse ali exposta apenas para instigar Henri a usa-la de alguma forma porque o amor pode se tornar o cano de uma velha carabina carregada e apontada para sua cabeça esperando pelo dedo no gatilho.

Durante a vida tive muitos bons amigos, mas nenhum como Henri. Eu descobri que ele era o melhor dentre os melhores depois da sua morte. Porque a ausência dele me impactou de uma maneira que jamais imaginaria. Às vezes quase via Henri

entrando pela porta do Yet com um sorriso meio tímido no rosto, aproximando do balcão e sentando-se ao meu lado, ele respirava fundo depois de pedir a cerveja e eu sabia que iniciariam as lamentações. Nunca imaginei Henri morto, ele gostava da vida, não dá para imaginar o que acontece no coração dos outros.

“Eu poderia ir embora amanhã,
Mas não tenho nenhum trocado.
Quando pude fugir não tive coragem,
Porque ela estava deitada ao meu lado
Com réstias da luz do sol nascente nos cabelos
Azuis.
Outras vieram e se foram,
Mas a garota que amei permaneceu.
Seu nome era Blue,
Chamei-a então de
Blue Blues, um sussurro da lua
Em noites nas quais as lágrimas parecem azuis.
Blue Blues silenciou o coração de um homem
Depois que flores do funeral se espalharam
Sobre seu caixão.”

Todas as emoções que senti vieram de outras pessoas como se meu coração pulsasse a partir de artérias alheias. Henri me deixou como herança a paixão violenta pela vida que só posso deixar registrada através das palavras tortas e mal escritas dos meus poemas tolos.

Às vezes, quando o dia parece ter sido muito pesado, quase posso sentir as lágrimas das pessoas dos filmes rolando pelo meu próprio rosto. Nunca tive alma própria, a minha é uma espécie de colcha de retalhos feito dos pedaços de sentimentos de todas outras pessoas à minha volta.

Vozes

Amanhã vai ser tarde. Pode até ser que o sol não esteja mais queimando como uma estrela de fogo no céu. Tudo isso me escapa, o calor e a luz, o fogo. Desde que li a carta de Yan algo dentro de mim se quebrou e espalhou os ruídos dos pensamentos de todos dentro da minha cabeça. Meus ouvidos que nunca puderam escutar com clareza agora decifram e traduzem as palavras que não são emitidas através dos lábios.

Mamãe está triste mesmo que finja polidez e sorrisos para o meu pai durante as refeições. Ele tem uma amante que está presente em seus pensamentos, dominando sua mente e sugando parte grande da sua energia. Papai está pensando nas formas de enganar a minha mãe enquanto estiver viajando com a amante para nosso chalé da serra. Ele usa a nossa casa de verão para os encontros. Talvez por isso nunca mais viajamos para lá. Meus pais se xingam mentalmente, um não tolera mais a presença do outro. Porém, continuam trocando sorrisos plásticos. Não consigo entender o que pensam quando estamos todos à mesa porque tudo se funde numa barulheira infernal que me faz largar os talhares e sair correndo para o quarto.

Os ecos dos pensamentos dos outros embaralham a minha cabeça. Não consigo frequentar a escola, fujo para algum parque solitário e abandonado no lado mais escuro da cidade onde não há muitos pensamentos para ouvir.

O que há comigo, afinal? O mundo à minha volta se tornou essa sinfonia atordoante de pensamentos cruzados e desconexos. Quando entro no ônibus tenho vontade de furar meus ouvidos, mesmo sem o aparelho auditivo ainda posso escuta-los. É o Caos, ele está dentro da minha cabeça. Sinto

falta do silêncio absoluto e em algumas noites sinto falta de Yan me esperando atrás do pátio da escola.

Não existe mais Yan e seus carros antiquados e topete cheiroso, não há mais paz do silêncio e palavras surdas. Eu não posso sequer ouvir as fitas de blues que ele gravou para mim. Porque quando deito a cabeça no travesseiro outros ruídos dolorosos me alcançam e se parecem com vozes mortas.

Dor e pânico. Arrependimentos e mágoas. As pessoas mortas gritam na minha cabeça e me lembro toda noite do homem morto na rodovia. Cambaleando até o acostamento e ali caindo em sangue, Yan escreveu sobre isso e fugiu. São tantas vozes sem rostos, qual será a dele? O que está acontecendo comigo?

Durante três dias fiquei deitada com o travesseiro sobre a cabeça, pressionando para abafar os sons. Mamãe veio e bateu na porta, mas a única coisa que pude decifrar foram seus pensamentos, mergulhei no seu subconsciente seja lá o que isso for: "Gaia deve estar doente. Ela vive doente. Não sei onde estava com a cabeça em relação a sua adoção, a esse casamento. A minha vida poderia ser diferente agora... se não fossem esses dois".

Queria ter voz para poder gritar e manda-la embora e levar seus pensamentos dolorosos juntos, mas não consigo abrir a boca para tentar falar. Não consigo mover um músculo enquanto permaneço deitada apenas ouvindo uma série de palavras retumbar na minha cabeça. Mamãe se afasta da porta e não volta mais durante aquele dia.

Eu saio do quarto depois de tomar uns comprimidos para dor de cabeça. Na cozinha, mamãe mexe os lábios, escuto seus pensamentos nervosos que estão indo na direção de papai e sua amante. Por Deus, ela não para de pensar a respeito disso, talvez isso seja o que Yan me dizia sobre pessoas obsessivas, não param de pensar sobre as mesmas coisas o tempo inteiro.

Não dou a mínima para ela, agora que a conheço de verdade através dos seus mais secretos pensamentos sinto amargura e raiva. Quero ir embora e deixar todo esse barulho para trás, os sorrisos fáceis e fingidos. Essa casa falsificada e essa vida mentirosa.

Fico soprando o café e observando a fumaça subindo da xícara. Mamãe está sentada com a boca ocupada com pedaços de pão molhados no café, ela não diz nada, apenas sua cabeça continua matraqueando sobre a infidelidade do marido e o erro que foi minha adoção. Ela levanta os olhos para mim e dá um sorriso amoroso que em outros tempos eu interpretaria como carinho.

Deixo a mesa com o estômago revirado e a cabeça atordoada. Não deveríamos conhecer certas verdades, tudo deveria permanecer soterrado na cabeça nesse lugar fundo da alma das pessoas.

Eu caminho pelos quarteirões sem rumo, quero apenas afastar de casa. À medida que encontro pessoas pelas ruas capto seus pensamentos murmurantes. Mil e um problemas, desejos, arrependimentos, dores. Como as pessoas sofrem! Eu grito na minha cabeça e a sacudo feito uma lunática. Ah se o Yan me visse agora, é o que penso, mas nem sei mais se o que penso é meu mesmo ou parte do que está passando na cabeça dos outros pelas ruas.

Paro a caminhada em frente ao Yet, ele está fechado com uma placa que diz "vende-se". Eu aproximo até ver meu reflexo nos vidros do lugar onde ficavam as mesas. Está empoeirado e feio lá dentro. Parece que foi ontem que me sentei com Yan nesse lugar enquanto escutávamos blues e ele tomava seus drinques baratos sempre tentando me obrigar a trocar os milkshakes por batidas alcoólicas. Arrependo por não ter experimentado, tudo o que fiz para me manter na linha feito uma boba foi por causa de mamãe que agora não vale mais nada para mim. Lembro da garçonete Bessie servindo as mesas e dos

músicos que tocavam durante as noites do fim de semana. Onde todos vão parar quando tudo acaba?

Fiquei assim, o rosto colado no vidro do bar abandonado, por um tempo. "O que essa moça está fazendo ali?" o pensamento chegou antes do toque no meu ombro. Quando me virei era um policial, ele me perguntou se eu estava bem e eu apenas balancei a cabeça confirmando.

"- Você atravessou a rua meio área, então, me preocupei que estivesse perdida."

No reflexo do vidro meu rosto aparece branco e azulado, coberto por uma expressão de assombro, mas não sei do que estou com medo. É apenas uma sensação esquisita apertando o meu coração e fazendo ele ficar pequeno e fraco.

Eu digo em sinais que está tudo bem e o policial entende que não posso falar ou ouvir, mas como posso estar ouvindo ele mesmo assim? Seus lábios estão fechados enquanto ele me observa com um semblante amistoso, mas posso ouvir sua cabeça tagarela, "mais dois meses e posso pegar as férias que estou adiando, preciso aguentar um pouco mais desse trabalho de merda".

Eu agradeço o homem e saio andando quase correndo sem olhar para trás. O mundo continua barulhento à minha volta. Eu corro até o local onde Yan me esperava depois da aula porque sei que está vazio essa hora e, também, porque tenho uma esperança estúpida de que ele vai estar lá sentado atrás do volante de um carro bonito me esperando.

Quando chego no terreno vazio atrás da escola só encontro as mesmas árvores de sempre sacudindo ao sabor de uma brisa úmida. Está prestes a começar a temporada das chuvas, as plantas ficam alegres e sussurram. Eu estou ouvindo suas vozes, ou são apenas as vozes mortas? Eu me sinto num banco de cimento que já foi inteiro, coloco as mãos sobre os joelhos e sinto a minha apreensão crescer e

tomar conta de mim. Estou presa em algo e não sei o que é,
me sinto imobilizada.

No meio da estrada

“Woke up this morning
after another one of those crazy dreams
Oh nothing is going right this morning
the whole world is wrong it seems
Oh i guess its the chain that bind me
I can't shake it loose these chains and things.”

A minha solidão me leva para o meio da rodovia sob o efeito do álcool. Ela me levou a lugares sombrios durante toda a vida. Se bebo é porque não posso simplesmente me preencher de outra maneira. O vácuo dentro de mim é tão grande que toda bebida do mundo não iria enchê-lo.

O carro que passou voando se parecia muito com um monstro de boca aberta. Eu me lembro da primeira música que aprendi a tocar no trompete. Algo de Coltrane. E quando olho para o céu, sinto o meu corpo deslocado da cabeça porque ela está sobrevoando o mundo todo e ele é azul.

É mais uma viagem que tenho por causa do uísque barato, provavelmente vou acordar na minha cama onde o teto não vai ter essas nuvens branquinhas feito algodão. É difícil separar o que é real do que não é depois de certo tempo. Principalmente quando se passa tempo demais acreditando em ilusões.

Olho para a rodovia lá embaixo, vazia e sem movimento àquela hora. Por um momento me lembro das flores azuis que fui entregar à Bessie. Eu fui até sua casa e não a encontrei. Não sei dizer o porquê da relevância disso justo no momento

que estou sobrevoando o mundo para lá e para cá leve como uma pluma e livre de todo peso de ser um homem medíocre e preguiçoso. Livre, é essa a sensação. Quem tem asas pode voar além do horizonte.

Quando era criança e ouvíamos Mile Davis essa sensação de voar me arrebatava. O som me transportava para um lugar distante da minha casa e da minha própria cabeça. Naqueles breves minutos nos quais a música rolava posso dizer com toda a plenitude necessária que eram os únicos momentos em que podia ser um garoto feliz. Porque ao fechar os olhos, podia alcançar o espaço onde limites de tempo não existem.

Flutuava além de tudo o que há. Assim, minha cabeça sobrevoa a casa da tia Linda de novo e posso vê-la estendendo roupas no varal. Seu corpo roliço e malemolente se balançando para lá e para cá enquanto cantarola. E meu desejo expandindo no peito em ser seu homem quando pudesse sê-lo. Ela se mistura à imagem de Bessie, maravilhosamente falha sem um dos olhos. E toda minha vida vista assim de cima se torna apenas um monte de lembranças insignificantes e bobas que botam um sorriso no meu rosto. Eu fui feliz em momentos específicos e por isso tudo valeu a pena.

Agora tento retornar ao meu corpo. Ele não existe mais. Abro bem os olhos para despertar do sonho alcoólico, não desperto. Não há mais matéria para qual voltar. Lá embaixo, no meio da estrada o rastro de sangue me guia até o meu corpo desleixado e escondido sobre galhos no acostamento da rodovia.

Se eu pudesse chorar, as minhas lágrimas teriam gosto de uísque, mas apenas solto uma vibrante gargalhada e volto a rodopiar através dos sons do trompete de um blues antigo

que canta sobre um garoto perdido no submundo sombrio onde precisa ganhar alguns trocados vendendo bugigangas ilegais. O garoto poderia ser, mas nunca me senti tão perdido quanto na vida de agora, adulta e mofada pelas beiradas, devorando tudo feito traças de desesperança.

O vácuo no qual me derramo me faz parecer um pouco com o céu azul e com todas as notas de blues que decorei durante a vida. Penso, nesse momento, que a morte é mais uma forma de viver ao inverso da estrada. Enquanto os faróis vêm em nossa direção, estamos apenas caminhando ao contrário onde os olhos do mundo não possam nos achar. Apesar de flutuar pelo ar, me sinto bem escondido no véu que separa o meu mundo do mundo de Bessie. Penso nela de novo porque tudo agora faz sentido inclusive a minha paixão pela garçonete do Yet. Descobri tarde o sentimento, mas nunca sabemos quão tarde é até o tempo passar e chegar e arrebentar sua cabeça que flutuará pelas trilhas do universo. A maior parte de nossa vida é dedicada às picuinhas, como tia Linda costumava falar. "São picuinhas que não levam a nada além de mais picuinhas".

Se pudessem se sentir como eu agora iriam ver que morrer nem sempre significa o fim, não. Se pudesse voltar ao mundo e dizer a todos para aproveitar o pouco tempo que resta sem picuinhas o faria! Mas como é solitária a vida de uma alma penada, como é triste não poder ouvir e ser ouvido. O silêncio cobre tudo, a sensação de liberdade logo se torna um peso, correntes que arrasto pela rodovia, triste e pesado vou lembrando das notas dos meus blues preferidos. Preso nesse pesadelo ou sonho que é estar no movimento flutuante e indefinível da quase morte e vida.

Gaia desperta

Mais o que é uma garota como você está fazendo aí? Pergunto ao reflexo no espelho que sorri para mim mesmo quando permaneço com o rosto lacrimejante e avermelhado. Chorei pelo resto da tarde, visitei os lugares que costumava passear com Yan e me descobri sozinha. A ideia da solidão me atingiu feito um trem desgovernado, eu pude ter a consciência dela embora nunca saiba a dimensão, parece infinita como um céu sem estrelas em noite bem escuras.

Gaia no reflexo está quase gargalhando para mim e sinto que ela está debochando do meu triste estado de espírito. É como mãe às vezes acorda e diz "hoje não estou muito disposta, um péssimo estado de espírito". Entendo-a bem, é como ser apenas um saco de pele e ossos prestes a explodir, da explosão sairá apenas vento porque o vazio nos faz inchar até transbordar em lágrimas salgadas e quentes.

Não sei quanto tempo faz que comecei a escutar o pensamento de todos à minha volta, o mundo lá fora se tornou um lugar barulhento e horrível. Eu nasci surda, minha deficiência não era absoluta, com a ajuda dos aparelhos auditivos conseguia pelo menos escutar as fitas de blues que Yan gravou para mim. E decifrar o que as pessoas me diziam, mas agora escuto além, talvez o que nem exista.

Pude conhecer o arrependimento secreto que minha mãe carrega ao ter adotado uma criança deficiente. Mergulhei na personalidade sombria do meu pai que mantém amantes e nos engana ao tentar esconder outra família que vive em outro estado. Os podres da vida todos se apresentam aos meus

ouvidos em sussurros chiados. Mas nada é tão doloroso quanto andar pelas ruas e escutar vozes de quem não existe mais.

No pensamento de mamãe há algo errado dentro da minha cabeça, ouvi sua voz secreta durante o café-da-manhã ao formar um lembrete mental que deveria me levar em um médico psiquiatra. Eles notaram que não sou normal, mas eu sabia desde que nasci. Se pudesse acessar as memórias ainda no ventre da minha desconhecida mãe biológica poderia comprovar que desde a minha formação como ser humano, sabia que não viria para esse mundo para ser alguém normal.

Eu sento na beira da cama e enxugo as lágrimas do rosto com resignado conformismo. O sol do fim de tarde entra pela fresta da janela deixando o quarto numa penumbra laranja. A réstia de luz ilumina os pôsteres que tenho pelo quarto. Em um deles, James Dean está encostado no carro retrô e antiquado como eram os carros que Yan ia me buscar na escola. Por que seu topete cheiroso se parece tanto com o do meu Yan?

Em outro, uma lembrança antiga de uma apresentação do trompetista Ícaro e banda no falido Yet. Ele segurava seu instrumento e está com o rosto de bochechas cheias ao tocar com toda paixão. Sempre gostei da forma que Ícaro se entregava ao poder do seu instrumento como se os dois se fundissem numa coisa só, um homem-sax cintilante. As lágrimas continuam caindo.

Bessie foi uma modelo jovem de relativo sucesso até começar a atender no Yet como garçonzete, o menor dos pôsteres é uma de suas únicas campanhas como modelo. Seu lindo rosto ainda não era deformado pelo olho-de-vidro e eu sempre tentei

imitar seu penteado vintage dos anos 60. Uma mulher muito bonita. Todos os três mortos.

A minha mãe está atrás da porta, sei disso antes que ela dê as três batidinhas habituais porque escuto seu pensamento "Isso não será fácil", ela diz dentro da cabeça, mas quando entra está sustentando um sorriso apaziguador no rosto.

"- Gaia, querida, precisamos muito conversar...está com seus aparelhos?", ela gesticula de forma automática. É o hábito dos anos nos comunicando por sinais.

Quero dizer que não precisamos conversar, eu posso ouvir cada murmúrio do seu inconsciente, mas ligo os meus aparelhos mesmo assim e a observo se sentar à minha frente. Ela está segurando um envelope.

"Querida, precisamos comparecer à delegacia."

Papai tinha dois carros, um que usava para trabalhar, ele transportava coisas para empresas e outro carro era o esportivo. Mamãe está me falando sobre responsabilidade, mas presto atenção às palavras da sua cabeça "... e você pegou a porra do carro do seu pai sem que ninguém visse, como sempre fez depois da aula e simplesmente atropelou um homem e não satisfeita arrastou o corpo para esconder no acostamento. Que tipo de problema você tem?"

Eu desligo os meus aparelhos o que deixa mamãe perplexa, o rosto pálido e os olhos aturdidos. Como posso parar de ouvi-la? Sempre fui obediente, sempre acreditei nas palavras doces que ela dizia, mas quando se conhece o âmago do ser humano... é triste. Eu pego a intimação da sua mãe e saio do quarto.

Mamãe não vem atrás de mim porque está tentando ordenar os pensamentos diante uma atitude não esperada. Eu caminho para fora de casa e atravesso o quarteirão até o fim que desemboca na avenida movimentada onde antes ficava o Yet. Acontece que ele era um bar muito badalado dos anos 60 no qual seria impossível eu frequentar e tomar milk-shakes com o meu Yan-James-Dean. Acontece que tudo o que acontece em volta, no passado-e-presente, está dentro da minha cabeça. Fico parada e olho para o lado onde diziam viver Bessie, um conjunto de apartamentos que foi demolido há décadas. Nada existe, nada além do peso da melancolia no meu peito e do velho trompetista atropelado feito animal numa rodovia.

"Garota, você quer morrer?", ele toca meu braço. Sei que seu nome é Wally porque ele está pensando em si mesmo como, Wally, o poeta maldito ou algo do tipo. Ele me puxa para fora do alcance dos carros que passam correndo. Nós dois ficamos sob a sombra de uma árvore na calçada. Ele não consegue parar de pensar em si mesmo.

"- Yan?", meus olhos mergulham nos seus.

Wally, olha para mim e sorri desconcertado, um sorriso tímido que o deixa jovem como deve ser.

"- Não, eu me chamo Wally e adoraria escrever versos para seus olhos inchados de choros"

Ao longe, escuto os pensamentos de mamãe chegando em ondas de baixa frequência. "Gaia... Gaia, desperte". Ela me sacode pelo ombro e quando abro os olhos para o mundo, vejo Wally sumir através dos carros do outro lado da avenida, ele deixa para trás um sorriso sobre o ombro e a certeza de que nos veremos outra vez.

Sobre a autora

Larissa Prado é natural de Goiânia, escritora independente de horror. Suas publicações: Coletâneas: **"Tratado Oculto do Horror"** (2016), **"Miríade- temática livre"** (2017), **"Linha Tênu e - contos sobrenaturais, de terror e suspense"** pela editora Andross. **"Espinhas e Rosas"** (2017) pela editora Illuminare. Ebooks: **"A arte do terror: Memento mori"** (2016), **"A arte do terror volume 2, volume 3 e volume 4"**; **"A arte do terror: Cartas e edificação comemorativa"** (2017) do projeto A Arte do Terror pelo selo independente Elemental Editoração. **"Flores Mortas"** (2017), **"Herança Maldita"** (2018), **"O espírito do Halloween"** (2018), **"Obscuro"** (2018). O livro **"A Sombra vinda das trevas - contos cósmicos"** (2017) pelo selo Elemental Editoração. Para mais textos: recantomacabro.com

